



A cegueira e regeneração da alma, representação do Humanitarismo em
Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago

Li Jingying

Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses

Julho, 2021

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses, realizada sob a
orientação científica da Professora Doutora Cecília Barreira
FCSH – Universidade Nova de Lisboa

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

(José Saramago, Epígrafe de *Ensaio sobre a Cegueira*)

Agradecimentos

À Doutora Teresa Araújo, por tudo o que fez por mim, não tenho palavras para lhe agradecer, vou-lhe ficar eternamente sem outro assunto.

À Professora Maria Clotilde Simões, que me orientou com muito empenho, o qual viria a se expandir e completar nesta dissertação.

À minha família, pelas palavras sempre otimistas e pelo apoio constante.

**A cegueira e regeneração da alma, representação do Humanitarismo em
Ensaio sobre a cegueira de José Saramago**

Li JingYing

RESUMO: Esta dissertação tem como objetivo analisar a obra *Ensaio sobre a Cegueira* do escritor português José Saramago. Por este motivo, o presente trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, é introduzida uma reflexão sobre o contexto histórico em que Saramago inseriu a sua obra, seguida por uma breve apresentação desta. No segundo capítulo, são apresentados os diferentes contextos do humanitarismo, o humanitarismo de Saramago assim como a sua formação. No terceiro capítulo, através de uma minuciosa observação sob *Ensaio sobre a Cegueira*, são representados os pensamentos do escritor sobre o humanitarismo. Por fim, no último capítulo, são apresentadas as principais preocupações do autor transmitidos no romance.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago, Humanitarismo, Pensamento, Preocupação

ABSTRACT: This dissertation aims to analyze the book *Ensaio sobre a Cegueira* by the Portuguese writer José Saramago. For this reason, the present work has been structured in four chapters. In the first chapter, a reflection on the historical context in which Saramago inserted his work is introduced, followed by a brief presentation of it. In the second chapter, the different contexts of humanitarianism are presented, Saramago's humanitarianism as well as his formation. In the third chapter, through a detailed observation under *Ensaio sobre a Cegueira*, the writer's thoughts on humanitarianism are represented. Finally, in the last chapter, the main concerns of the author transmitted in the novel are presented.

KEYWORDS: José Saramago, Humanitarianism, Thought, Concern

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Vida e obra de José Saramago.....	3
1.1. A vida de Saramago.....	3
1.2 A criação de Saramago.....	6
1.3 A razão da análise do humanitarismo de Saramago.....	10
Capítulo 2 - Humanitarismo.....	13
2.1 Contextualização.....	13
2.2 O humanitarismo de Saramago.....	20
2.3 Razões para a formação do espírito humanitarismo de Saramago.....	25
2.3.1 A influência de fatores sociais.....	25
2.3.2 A tradição do estudo o humanismo na literatura.....	26
2.3.3 Caraterísticas da personalidade resultantes da experiência pessoal.....	28
2.3.4 A influência de Kafka sobre o autor.....	33
Capítulo 3 - O pensamento do humanitarismo.....	36
3.1 As caraterísticas do romance.....	36
3.2 O humanitarismo na rapariga de óculos.....	45
3.2.2 A mulher do médico e o cão das lágrimas.....	47
3.3 Crítica à classe dominante.....	56
3.4 Crítica à religião.....	62
Capítulo 4 - Preocupação do autor transmitido no romance.....	66
4.1 Política.....	67
4.2 A queda e o renascimento do Humanitarismo.....	70
4.3 Questionar a existência da civilização.....	73
Considerações finais.....	77
Bibliografia.....	80
Webgrafia.....	82

Introdução

“A introdução é aquilo que nada pede antes, mas que exige algo depois.”- Aristóteles.

O presente trabalho consiste numa exposição sobre a multifacetada personalidade do escritor José Saramago. Dito de outro modo, este trabalho incide sobre a vida e obra do autor; sobre o Humanitarismo e o seu relacionamento na formação do espírito humanitário, passando por uma análise detalhada do livro *Ensaio sobre a Cegueira*; e sobre a reflexão dos temas do seu romance.

Escolhi este romance, porque estou bastante interessada no humanitarismo de Saramago. A excelência do humanitarismo de Saramago reside na sua implacável subversão da ordem ética tradicional e no seu importante papel na construção de uma nova ética moderna. Por isso, efetuei a análise do conteúdo, das características e da relevância do seu humanitarismo com o objetivo de informar as sociedades futuras.

Desde os meus anos na China, sempre fui atraída pela culturalidade europeia. José Saramago foi um dos escritores que me motivou a vir para Portugal conhecer o Homem e as vivências de um povo demograficamente pequeno, mas culturalmente muito grande.

A sua obra é a exposição do Homem Moderno, a viagem ao seu interior, numa busca incessante do seu âmago, no intuito de se conhecer, de se compreender, respeitar e amar, pois só assim se amará o outro. É a magia, o sentimento, a raiva, a luta, a coragem de ser, de não calar nem temer. De dizer “Não” a tabus, a preconceitos, à podridão, ao caos mais profundo da sociedade, sempre complexa e imperfeita, aniquiladora do mais simples sentido da vida.

Ler Saramago é descobrir as possibilidades da escrita e viajar entre a utopia, a criação; é encontrar a Arte. É um sentimento nacionalizado, que põe a nu o mais

íntimo do ser humano.

Essa foi a razão principal da minha escolha.

Comecei a pesquisar muito antes de iniciar esta dissertação. A curiosidade e a cultura portuguesa atraíam-me fortemente. Quis conhecer e aprender.

Até agora, foi o único escritor português a receber o Prémio Nobel da Literatura, no ano de 1998.

Oriundo de uma família modesta, os seus primeiros tempos foram difíceis. Democrata, agnóstico e convicto defensor das minorias, intelectualiza as suas vivências, emoções e anseios, trava uma luta incessante entre o sentir e o pensar, com uma visão humanista do mundo, que é explicada nas páginas dos seus livros.

Incompreendido por muitos, amado por outros e odiado por tantos politicamente, este dramaturgo, romancista, cronista, poeta, tradutor, diretor literário, põe a nu as angústias, dúvidas e tensões do Homem moderno.

Viaja ao seu interior complexo, perscruta o que o mundo lhe pode transmitir, através da magia e dos elementos sobrenaturais. Reinventa a escrita, entrelaçando discursos, e dando a possibilidade a quem o lê de usar livremente a pontuação à sua maneira.

Ao pôr "o dedo na ferida" da sociedade e seus dirigentes, lutador antifacista, militante comunista e conhecedor profundo das injustiças sociais, Saramago põe a sua voz na escrita em defesa daqueles que, silenciosamente, amordaçados, foram morrendo ao longo da nossa História, às mãos da prepotência, ganância e megalomania daqueles que usaram o poder, durante séculos.

Esta dissertação tem como base a obra *Ensaio sobre a Cegueira*. Seguem-se considerações a partir do sentido humanista do escritor. Estes dados foram obtidos através de parte da sua obra lida e da pesquisa complementar feita, atenta e difícil, sobre a História, as personagens e os conflitos.

Capítulo 1 - Vida e obra de José Saramago

1.1. A vida de Saramago.

O autor

José Saramago (Azinhaga, Golegã, 16-11-1922 - Lanzarote, 18-06-2010), romancista, cronista, dramaturgo, poeta, tradutor, diretor literário e de jornais, foi galardoado, em 1998, com o prémio Nobel da Literatura. Na sua obra, é possível encontrar a palavra herdada e a palavra ansiada; deparar com o homem moderno, as suas tensões, as suas angústias e as suas dúvidas; viajar ao interior dele na procura da experiência mágica de se conhecer; perscrutar o que o mundo lhe pode dizer através da sua magia, dos seus elementos sobrenaturais; descobrir as possibilidades da escrita, graças à inovação, à subversão, e ao entrelaçamento de discursos.¹

José Saramago nasceu em Azinhaga (Ribatejo, Golegã, Portugal) numa família de camponeses pobres, no dia 16 de novembro de 1922. Filho de José de Sousa e Maria de Jesus, foi viver para Lisboa com a família, quando tinha dois anos de idade, por seu pai ter conseguido um lugar de polícia na capital.

No período da adolescência, Saramago regressava às suas raízes, junto aos avós, durante as férias. Nesses períodos, ele ajudava-os nos trabalhos do campo.

Nos seus livros, ele conta a dura vida dos seus familiares, e fá-lo também, no discurso que profere ao receber o Prémio Nobel da Literatura.

Ainda, nesse mesmo discurso, referiu a importância dos valores e sabedoria humana, por eles transmitidos ao longo da sua vida, o que o influenciou a nível pessoal e da própria escrita.

A sua vida não foi fácil e, durante dois anos, Saramago foi forçado a suspender

¹ PIMENTA, Hilário. *Preparação para o Exame Final Nacional 2019*, Porto: Porto Editora, p.277.

os estudos. Passado esse tempo, depois de aprender Mecânica na Escola Técnica, teve vários empregos, como: serralheiro mecânico, funcionário de hospital, redator e funcionário de uma companhia de seguros.

Desde a sua entrada na escola primária, Saramago sempre se revelou forte apetência para as letras, em especial para a literatura. De tal modo, foi o seu amor pelos livros que, anos mais tarde, o fez ir, todos os dias, a uma biblioteca perto da sua residência, ler e reler obras, que o faziam entrar num mundo só seu. Além disso, o autor presenciava-se também nos cafés, pois tinha conhecimento de que vultos da literatura nacional se encontravam ali para debates culturais e charlas banais, os quais eram fantásticos de observar. Não demorou a fazer amigos entre eles, bebendo o seu conhecimento, e alimentando o desejo de conhecimento.

Em 1947, Saramago publicou a sua primeira obra, *Terra do Pecado*.

Mais tarde comentou:

“Pobre de mim, queria era ver o livro editado e assim saiu. De pecados sabia muito pouco e, embora a história comporte alguma actividade pecaminosa, não eram coisas vividas, eram coisas que resultavam mais das leituras feitas do que duma experiência própria. Não o incluo na minha bibliografia, apesar de os meus amigos insistirem que não é tão mau como eu teimo em dizer. Mas como o título não foi meu e detesto aquele título [...] Acho que é por isso que resisto a aceitá-lo.”²

Neste mesmo ano, nasceu a sua filha Violante, fruto do seu casamento com a pintora Ilda Reis, com quem casara em 1944.

No ano de 1960, com 38 anos, entra na *Editorial Estudos Cor*, onde fica durante 12 anos. Simultaneamente, escreve artigos para a *Revista Seara Nova*.

No ano de 1969, filia-se no *Partido Comunista Português*, ainda clandestino. Antes e após o regime salazarista, empenha-se ativamente na vida política,

² *Terra do Pecado*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_do_Pecado>. Acesso em 04 jan.2020.

solidarizando-se com as causas da revolução e valores do 25 de Abril, até à sua morte em 2010.

No ano de 1971, edita *Deste Mundo e do Outro*, resultado da sua experiência como cronista.

Em 1972 e 1973 faz parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*, onde é comentador político e coordena durante alguns meses, o suplemento cultural deste jornal.

Identificado com as ideias progressistas e humanistas, sempre lutando pela Igualdade e Direitos do Homem, toma, como base o caminho da ideologia comunista.

No ano de 1974, após a queda da ditadura Salazarista, que dominava o poder há quarenta e oito anos, devido ao 25 de Abril, movimento libertador, feito por capitães, que repôs a Democracia em Portugal, o *Partido Comunista Português* sobe ao palco político, formando sucessivos governos de coligação. Os comunistas ficam à frente do maior jornal diário português, *Diário de Notícias*. Saramago é nomeado seu vice-presidente deste.

Contudo, os comunistas vão perdendo gradualmente a sua posição política, o que provoca que Saramago saia do jornal. Com 52 anos, perante esta situação, Saramago decide embarcar na sua vida de escritor literário, o que continua com maior ou menos sucesso até à sua morte.

Em 1998, recebe o Prémio Nobel da Literatura.

[...] pela sua capacidade de tornar compreensível uma realidade fugidia, com parábolas sustentadas pela imaginação, pela compaixão e pela ironia, segundo a Academia Sueca.³

Foi há 22 anos que José Saramago fez com que “Todos os portugueses

3 Cronologia: A vida de José Saramago. Disponível em: <https://expresso.pt/dossies/dossiest_atualidade/dos_jose_saramago/cronologia-a-vida-de-jose-saramago=f588876>. Acesso: 18 de mar.2020.

crecessem três centímetros”, isto nas palavras do próprio. Em causa, a conquista do Nobel da Literatura, o mais celebrado prêmio literário do mundo, por parte de um homem de origens humildes, que não o esperava e que nunca deixou que a fama alterasse as suas convicções.

Ao discursar no banquete de gala, com os olhos do mundo postos nele, Saramago prova a verdade das suas palavras ao decidir falar a maior parte do tempo sobre o não cumprimento integral da Declaração Universal dos Direitos Humanos no mundo. Agradece, por fim, aos editores, tradutores e leitores. Termina com o elogio a todos os escritores portugueses e de língua portuguesa: "É por eles que as nossas literaturas existem. Eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar. Disse que não nasci para isto, mas isto foi-me dado. Bem hajam, portanto."⁴

É enquanto romancista que se destaca a sua atividade como escritor, notabilizada pela profunda reflexão sobre temas/questões atuais, que se prendem com a existência humana, a sociedade e a literatura, como anteriormente foi referido.

Desiludido com a política portuguesa, e revoltado com o desprezo com que era tratada a cultura no país, vai viver com a sua companheira Pilar del Rio, uma jornalista espanhola, para a ilha de Lanzarote, nas Canárias. Aí, residem, em permanência, até à morte do escritor, com vindas esporádicas a Portugal.

1.2 A criação de Saramago.

Em 1947, após a publicação da sua primeira obra, *Terra do Pecado*, Saramago sofre um golpe na sua autoestima como escritor, devido à escassa procura que o romance teve. Durante de muitos anos, não criou nenhuma obra.

É só em 1966, dezanove anos depois, que volta a publicar. Desta vez, uma coletânea de cento e quarenta e oito poemas, *Os Poemas Possíveis*.

Em 1970, é publicada uma segunda coleção de noventa e oito poemas, com o

⁴ *O dia em que Saramago ganhou o Nobel*. Disponível em: <<http://www.revistaestante.fnac.pt/dia-saramago-ganhou-nobel/>>. Acesso em dia 5 set. 2020.

título de *Provavelmente Alegria*.

Chega 1973. Sai a sua terceira coleção de poemas, intitulada *O Ano de 1993*, trabalho este cheio de imaginação e magia. A obra mostra-nos um povo sofredor, que deseja uma vida mais justa.

A sua obra poética denota a sua preocupação social e segue uma nítida tendência ideológica, unindo o sonho à realidade.

Manual de Pintura e Caligrafia, publicado em 1977, fala dos sentimentos de um escritor/pintor, aquando das suas viagens a Portugal. Esta descrição tem um carácter autobiográfico. Propõe-se a interligação entre a criação literária e a pintura, ou seja, entre a criação e a realidade, o que nos remete para questões filosóficas.

Publica *Objecto Quase* em 1978 e *Poética dos Cinco Sentidos - O Ouvido* em 1979.

Até 1980, data da publicação de *Levantado do Chão*, obra que merece o Prémio da Cidade de Lisboa no mesmo ano, Saramago entra no mundo da Literatura Portuguesa Contemporânea. Uma vez mais, estão refletidas as vivências de três gerações e os conflitos sociais entre a classe rural e o patronato. Saramago apela à consciência dos poderosos, perante tanta dor, esforço e miséria, numa ruralidade esquecida e utilizada.

Em *Memorial do Convento*, publicado em 1982, conta-se a história da construção do Convento de Mafra, mandado edificar por D.João V, obra megalómana de um rei que escravizou o povo trabalhador na construção de um capricho. Ficou lembrado na História como a Epopeia da Pedra, pelo herói coletivo, o povo, que o levantou pedra por pedra, a custo da própria vida.

Esta obra foi adaptada pelo compositor italiano, *Azio Corghi*, para a ópera *Blimunda*.

Publica *O Ano da Morte de Ricardo Reis* em 1984.

A ação deste romance traz para esta história “o espetáculo do mundo”, aquilo

que Ricardo Reis e o fantasma de Fernando Pessoa observam e comentam, sempre que se encontram. Os temas são o impacto dos regimes facistas, além das revoltas comunistas por toda a Europa, nos difíceis anos de 1935/1936, dando especial atenção à ditadura salazarista, apoiada pela igreja e polícia do regime, em Portugal.

Ricardo Reis, após desembarcar em Lisboa, deambula pela cidade triste, reflexo do regime vigente - uma dicotomia entre o burguesismo confortável e a pobreza dos bairros sociais, constituindo numa crítica do escritor sobre a falta de equidade e liberdade.

A obra *A Jangada de Pedra*, publicada no ano de 1986, narra as histórias de três homens, duas mulheres e um cão, reunidos pelo destino, e que serão testemunhas da falta de amizade e amor, da morte e do renascimento de um novo mundo. De novo, a chaga aberta e tocada por Saramago, reflexo dos seus ideais políticos, sempre presentes na sua escrita.

História do Cerco de Lisboa, obra editada no ano de 1989, reinterpreta uma parte da História de Portugal, produto do fingimento poético do autor, que coloca nele a olho nu a sua técnica de escrita realista e mágica.

O livro descreve a personagem do revisor Raimundo Silva, questionando a autenticidade da História, enquanto ele revia um livro. Resolve alterar um “sim” para um “não” nos registos históricos. Esta simples mudança de palavra, altera toda a História do Cerco a Lisboa, no tempo de D. João, Mestre de Avis, futuro D. João I de Portugal, que dá início à segunda Dinastia, a de Avis, ou Joanina.

Em 1991, publica *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, que descreve a figura de Jesus Cristo como um homem com desejo sexual, o que violou as regras do Vaticano, e incomodou grande parte dos católicos em Portugal.

De tal forma este livro acabou por ser rejeitado pelo governo português (de direita, na altura) em participar no Prémio Europeu de Literatura, o que revoltou grande parte dos intelectuais portugueses.

Em 1995, edita a obra *Ensaio sobre a Cegueira*.

Nesta obra, expõe-se a irracionalidade humana, a cegueira do Homem. É este o mundo que Saramago ausculta. Uma cegueira "branca", o colapso da moral. Testam-se os limites do Homem; desafia-se a identidade de cada pessoa. É a sua destruturação, o caos social e político. No meio deste, a imagem símbolo da ternura inexistente.

Ensaio sobre a Lucidez, publica no ano de 2004.

Neste romance, Saramago não esconde a sua intencionalidade alegórica. Fala de um país, onde num dia eleitoral, após contagem, há setenta por cento de votos em branco. O pânico governamental é geral, pois isto significa a sua ineficácia. Todos os partidos são incompetentes, provocando o cansaço e insatisfação do povo.

Os governantes, sentindo-se ameaçados, apercebem-se de que a população, após a cegueira branca, não perdeu a lucidez. Portanto, é a partir desta ideia metafórica que se desenvolve o enredo do romance. Daí, esta obra apresenta uma crítica incisiva às instituições políticas devido às consequências do próprio comportamento.

Saramago, detestado pelo conservadorismo português, devido à abordagem feroz às grandes questões da Humanidade e, em especial, de Portugal, viu-se prejudicado fortemente pelo silêncio da sua obra, não só interna, como externamente. Basta lembrar o “veto” à obra *Evangelho Segundo Jesus Cristo* por um subsecretário de Estado Cultura que, de uma forma mesquinha e ultrajante, tentou “cegar”, uma vez mais, os interesses culturais do país numa forma persecutória pidesca, que remonta aos velhos anos de Salazar.

Vinte dois anos após o Nobel, ainda persistem setores “incomodados”.

De escrita sedutora, inovadora e complexa, misto de épico, real, fantástico, fatores estes envolvidos numa onda mágica e utópica, codificada muitas vezes, lúcida e explícita noutras, perturbadora também, levanta as palavras pela raiz, numa escrita genial, onde se desfaz o politicamente correto, e se aponta o dedo a quem quer ofuscar a liberdade dos cidadãos, numa luta entre dominadores e dominados.

Escrita poderosa e pessoal, onde se reflete o apelo aos sentimentos, afetos e emoções, sem os quais a Humanidade se transformará em irracional e vazia de valores.

Escritor de reconhecido mérito, a sua actividade literária foi distinguida e galardoada com diversos prémio, nomeadamente, Pémio Internacional Literário(1992), Prémio Literário Bracanti(1992), Grande Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores(1993), Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores(1995), Prémio Camões(1995); sendo o primeiro autor português a ter granjeado, até ao momento, o Prémio Nobel da Literatura(1998). Note-se que a obra de José Saramago é uma das mais conhecidas e traduzidas da literatura portuguesa contemporânea.

Dos numerosos doutoramentos Honoris Causa e condecorações que José Saramago recebeu, destaca-se o grau de Comendador da Ordem de Santiago da Espada pelo governo português; o grau de Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo governo francês. O Nobel português é, ainda, doutor Honoris Causa pelas Universidades de Turim(Itália), Sevilha, Toledo, Castilla-La-Mancha(Espanha), Manchester e Nottingham(Inglaterra).⁵

1.3 A razão da análise do humanitarismo de Saramago

Podemos considerar o próprio Saramago como um proeminente representante da literatura moderna ocidental. Os antecedentes da vida e da cultura que experimentaram a transição da modernidade para a pós-modernidade, permitiram que ele colocasse em causa muitas questões sobre Portugal e o mundo, com olhar crítico e contemporâneo, sem paixão.

A obra de Saramago é brilhante e magnífica. Os temas envolvem uma variedade de questões que o Homem conhece, mas tenta ignorar.

Nos últimos anos, as pesquisas realizadas sobre o trabalho de Saramago abrangem diversos aspetos, sendo um deles o estudo de temas religiosos, tomando *Caim* como exemplo. Nesta obra, o Deus de Saramago é uma metáfora da injustiça. Através da análise e desconstrução da imagem de Deus, o autor expressa na escrita o desejo de terminar as injustiças sociais que ocorrem no mundo e, em particular, na sociedade portuguesa. Os problemas e essa descrição literária, anticlerical e anti-Deus, quebram a ilusão da religião no mundo, impulsionando as pessoas a tomarem ações

⁵ AMARO, Alice. *Português, o essencial*. Edições ASA,2007, p.221-p.222.

práticas e gozarem de verdadeira felicidade.

Além da religião, o pós-modernismo também foi profundamente analisado, chegando à conclusão de que Saramago era brilhante em expressar os seus próprios pontos de vista por meio de romances, e tal característica reflete-se no livro *A Jangada de Pedra*. Em particular, nesta obra, o autor falava da Península Ibérica, onde se pode constatar uma separação do continente europeu, colapso racional, contradições internas, caos e solidão. De cima para baixo, tudo se encontrava dividido. A partir desta fundamentação, o autor evidenciava a ausência de justiça, de reorganização social, do surgimento da sociedade matrilinear, e a relação entre Homem e Natureza, crítica do autor à civilização moderna.

Aliás, existem também outros estudos populares que se centram nos temas da Cegueira e da Restauração da Visão, temas empregues nesta dissertação e que não podem ser ignoradas para este estudo de Saramago.

No entanto, a maioria destas investigações seguem a perspectiva do distopianismo, dos romances de fábulas, da civilização urbana, da identidade cultural e da humanidade, nomeadamente em relação à religião. O tema do humanitarismo raramente é estudado.

É verdade que no processo de leitura das obras de Saramago, está presente um estilo único de escrita e temática provocadora. A imaginação e técnicas narrativas distintas refletem o talento literário do escritor. Assim sendo, é através da leitura aprofundada do texto que compreendemos o seu pensamento humanitário. Os seus métodos criativos e inovadores, juntamente com o seu sentido crítico, distinguem o escritor enquanto caso único na literatura contemporânea.

Por estes motivos, decidi estudar e apresentar o sentido humanitário de Saramago, como ponto de partida da minha dissertação.

Esta dissertação concentrar-se-á no seu trabalho representativo, *Ensaio sobre a Cegueira*, na análise da sua conceção humanitarista, com o intuito de descobrir e aprofundar a complexidade única de Saramago. Estas mesmas qualidades são ainda

hoje reconhecidas pela comunidade linguística mundial, que em 1998 lhe atribuiu Prémio Nobel da Literatura.

Capítulo 2 - Humanitarismo

2.1 Contextualização.

Primeiro, o conceito de “Humanitarismo” aparenta ser mais vasto do que o da natureza humana. Entende-se que o “Humanitarismo” seja uma doutrina que promova o bem-estar da natureza humana assim como aperfeiçoe a essência da humanidade. É esta natureza humana que define a união fundamental entre os seres humanos e que torna os regulamentos internos numa evidente distinção dos humanos perante outros animais e espécies. Contudo, em certos contextos, o conceito do “Humanitarismo” e da natureza humana pode ser usado intuitivamente, tendo um determinado sentido.

O conceito de “Humanitarismo” é muito complexo: desde o início, o seu conceito foi muito discutido: o humanitarismo refere-se aos pensamentos sociais modernos e às definições teóricas do estudo das questões humanas, desde o Renascimento, como natureza, essência, valor, desenvolvimento da personalidade e o relacionamento entre o Homem e o mundo. O Homem torna-se dono do seu próprio destino e, centro do Universo - Antropocentrismo.

Apesar de o estudo do “Humanitarismo” começar no Renascimento, ele originou-se na Grécia Antiga, a primeira a produzir ideias sobre a dignidade e existência humana, justiça e moralidade.

Heidegger mencionou na Carta Humanitária, publicada em 1947, que:

É em Roma que encontramos o primeiro “humanitarismo”. Na sua Essência, portanto, o “humanismo” permanece um fenómeno especificamente romano, que nasce do encontro da romanidade com a cultura do helenismo.⁶

⁶ HEIDEGGER, Martin. *Sobre o Humanismo ou Carta sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileira, 1995, p.35.

Ele assume que o Humanitarismo veio de Roma sob a iluminação da Grécia Antiga. Dito de outro modo, a Grécia Antiga é basicamente o país natal do Humanitarismo.

De facto, Sócrates, Platão e Aristóteles, na Grécia Antiga, foram os principais responsáveis por este pensamento. Por exemplo, Sócrates opôs-se ao relativismo dos sábios e, acreditava que a verdade objetiva existia usando debate e argumentação, descobrindo o método oposto no argumento da outra parte e, inspirando as pessoas a reconhecer e corrigir conscientemente os seus erros. Esses filósofos criticaram o país e a lei, por causar mudanças, não apenas no âmbito do pensamento filosófico, mas em toda a vida do Homem: aspetos sociais, políticos, morais, literários, artísticos, científicos e religiosos.

Já, durante o Império Romano, a expansão do império e o movimento de pessoas através da Ásia, Europa e África levou a um aumento dos conflitos étnicos e de classe, e o humanitarismo original de cidade-estado já não era adequado para o atual Império Romano. Foi contra este pano de fundo que surgiu um humanitarismo de amor universal pelo mundo, isto é, o humanitarismo evangélico. Este combina humanidade e divindade, com um supremo desejo e busca de Deus, e visa amar as pessoas tão abnegadamente como Deus, levando-as a aspirar à virtude e a tratar todas as pessoas da mesma forma, independentemente das restrições nacionais, regionais ou de classe.

Como vimos, o humanitarismo de cidade-estado anterior não apontava a ligação entre Deus e o Homem, nem indicava se Deus se importava ou não com o homem, e as pessoas questionavam facilmente os deuses em que acreditavam, o que era uma razão importante para o seu gradual desaparecimento e desintegração. Por este motivo, o aparecimento do humanitarismo evangélico eliminou estes dois defeitos e teve grande reconhecimento na sociedade. Foi somente após deste ter tornado numa religião estatal, que a sua influência cresceu. De seguida, com o refinamento da teoria

teológica cristã, o humanitarismo evangélico foi gradualmente sistematizado.⁷

Devido ao status exclusivo do cristianismo no campo ideológico da Idade Média, os seus pensamentos, as reais atividades religiosas e a vida social começaram a opor-se. Tornou-se uma ferramenta usada pela religião para governar as pessoas, usando autoridade absoluta para restringir a liberdade e a natureza humanas. O significado original do amor universal por doutrina foi distorcido. O humanitarismo cristão tornou-se anti-humanitarismo no sentido prático, restringindo os direitos humanos. Tudo se baseia nos mais altos ideais e crenças de Deus. Com o desenvolvimento do tempo, eruditos, pensadores começam a dirigir a sua atenção para o humanitarismo antropocêntrico em substituição do teocêntrico.

Este tipo de humanitarismo contra a teocracia apareceu durante o Renascimento. Na época, os pensadores italianos estavam extremamente enojados com o seu status teocrático católico e o seu ascetismo hipócrita. Por outro lado, como não havia um sistema cultural sólido para substituir a cultura católica, usaram a forma de reviver as antigas culturas grega e romana, para expressar a sua proposta cultural.

Baseados na ideia de libertação da teocracia, acreditaram que apenas derrotando o deus autoritário, o homem poderia ter um Eu. Desta forma, o Renascimento é considerado uma espécie de movimento de resistência contra um Deus Onnipotente. Com o surgimento da ciência e da sua influência, os pensadores defendiam que os seres humanos faziam parte da natureza e tinham o direito de controlá-la, nascendo naturalmente com o direito de buscar a felicidade.

Entre eles, Jean-Jacques Rousseau e John Locke são os representantes desse período. Locke tem uma teoria bem conhecida dos direitos humanos naturais. Ele acredita que a vida humana, a liberdade e a propriedade são direitos básicos. Estes direitos estão de acordo com a natureza natural dos seres humanos, sendo, portanto, um direito natural. Por isso, ele argumenta que todos somos iguais perante a lei e esta deve proteger os direitos humanos. Rousseau acredita que os principais direitos

⁷ *Humanismo Evangélico*. Disponível em: <<https://1library.org/article/humanismo-evang%C3%A9lico-a-igreja-e-spa%C3%A7o-de-fronteira.y65dgi7z>>. Acesso em 3 jan .2022.

naturais dos seres humanos, a vida e a liberdade - devem ser usufruídos pelo Homem. Se este tem o direito decidir, abdicar deles, isso será questionável. Quando uma pessoa abandona a liberdade, ela menospreza a sua própria existência; uma pessoa que abandona a vida, elimina completamente a existência de liberdade.⁸

A teoria inata dos direitos humanos e a teoria do contrato social dos pensadores do Iluminismo lançaram as bases da racionalidade social humanitária e do sistema jurídico, criando uma base sólida para o desenvolvimento contínuo do humanitarismo.

Aqui, a maior diferença entre o humanitarismo racional iluminista e o cristão é que o humanitarismo cristão se constrói com base na fé, e o humanitarismo renascentista constrói-se com a racionalidade humana. No entanto, o próprio humanitarismo racional esclarecido (iluminismo) contém contradições lógicas. Ao substituir Deus pelo Homem, no centro do Universo, esta ideologia preocupa-se com o ser humano, respeitando-o e considerando-o como um ser absoluto e sagrado, e até eleva-o a mestre da natureza, do meio envolvente. Desde o passado, a admiração pela natureza transformou-se em conquista, sendo esta objeto da existência humana. Por a querer dominar e transformar, a relação entre Homem e Natureza deteriorou-se, pois o Homem esqueceu-se de que é parte integrante da natureza, e que ao destruí-la, destrói-se a si próprio.

Tal como o filósofo francês Claude Adrien Helvétius argumentou, é da natureza humana procurar pela felicidade e evitar o sofrimento (também uma das manifestações extremas do humanitarismo racional do iluminismo).⁹

No período posterior ao Iluminismo, o racionalismo e o humanitarismo voltaram-se para o culto da personalidade e do naturalismo, o que leva a um conseqüente anti-humanitarismo.

⁸ *Locke e a propriedade como direito fundamental*. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/51151/locke-e-a-propriedade-como-direito-fundamental>>. Acesso em 3 jan .2022.

⁹ *Filosofia francesa do século XVIII*. Comoilado pelo Departamento de de Filosofia da Universidade de Pequim, The Comercial Press, 1971.

Habitualmente o anti-humanitarismo filosófico formula a sua crítica ao Humanitarismo apoiando-se num cientificismo rígido. O Novo Humanitarismo aceita numerosas críticas que se lançam contra o Humanitarismo tradicional, mas propicia a revisão não somente da ideia do “ser humano”, própria do século XIX, mas também a ideia de “Ciência” correspondente a essa época.¹⁰

No século XVIII, após a introdução do humanitarismo racional iluminista os filósofos russos leram, pensaram e desenvolveram a própria opinião sobre o humanitarismo. Ao mesmo tempo, absorveram as vantagens do humanitarismo do evangelho, afirmaram a orientação positiva do espírito humano por Deus, e transformaram a racionalidade dos seres humanos. Desta maneira, o humanitarismo, na Rússia, e um novo humanitarismo filosófico espiritual com características nacionais foi proposto. O mais representativo deste período é o romancista Leo Tolstoi. O humanitarismo, nos seus romances, não só fazia uma análise da natureza humana, mas também tinha um aprimoramento moral.

Após a década de 1830, o proletariado subiu ao palco da História, e o humanitarismo socialista emergiu. A teoria apresentada pelo filósofo alemão Karl Marx criticou e reformou o conceito do humanitarismo. Primeiro, afirmou o argumento baseado no Homem, criou o materialismo histórico e abandonou a visão idealista humanitária da História. Segundo, expôs a estreiteza e as limitações da ética e moral individualista defendidas pelo humanitarismo, e estabeleceu o coletivismo, os princípios éticos comunistas centrais. Terceiro, criticou a essência e as falácias da escola socialista utópica, defendendo que a sociedade deve abandonar a utopia e violar as leis da natureza, e desenvolver-se cientificamente. Mas a teoria humanitária de Marx opõe-se à propriedade privada, não permitindo à maioria das pessoas ser egoísta. Deste modo, a sua teoria também é rejeitada pela maioria das pessoas, egoístas por natureza, por mais repressivo que sejam os seus governos poéticos. (FULING, 2007)

Atendendo à evolução e à contextualização do conceito em causa, concluímos que o Humanitarismo tomou a literatura e as artes como ferramentas para promover a

¹⁰ *Anti-humanismo filosófico*. Disponível em:<https://pt.humanipedia.org/index.php/Anti-humanismo_filos%C3%B3fico>. Acesso em 27 jul.2020.

emancipação dos pensamentos humanos, e marcou-se precisamente como o oposto às regras feudais. Adicionalmente, valorizou o amor e cuidado do Homem, sendo este o elemento fundamental do mundo.

Para além do Humanitarismo, é também notável a preponderância de um conceito muito relacionado este conceito, a chamada “natureza humana”. A natureza humana refere-se ao termo geral para as qualidades que compõem o ser humano. Esta tornando-se no centro do universo, legitima a ideia da inerente regulação que distingue os humanos das outras espécies.

No entanto, apesar de estritamente conectados, a natureza humana e o Humanitarismo diferem em alguns aspetos.

De acordo com o desenvolvimento do humanitarismo, escritores e filósofos de vários países têm apresentado os seus próprios pontos de vista. Kant, célebre filósofo alemão conhecido pelo idealismo transcendental, crê que o indivíduo no estado real deveria ser uma pessoa que se autodomina e obedece à “absoluta ordem” emitida pela sua reação. Por esse motivo, pode desfazer-se do domínio da percepção do mundo. Hegel, também um grande filósofo alemão a doutrina idealista, desvendou genialmente que o trabalho é a essência do Homem, a sua natureza social. O filósofo fala do trabalho, somente do trabalho de carácter abstrato/espiritual, sendo que o que ele chama de essência do homem é uma total autoconsciência.

Feuerbach, antigo aluno de Hegel que viria também a ganhar relevância no idealismo alemão, destaca-se como um filósofo do pensamento idealista e do materialismo. À medida que se expandiu para outras disciplinas, Feuerbach opôs-se ao ponto de vista idealista de Hegel de reduzir as pessoas à sua própria consciência, mas insistiu no Humanitarismo e materialismo, definindo o Homem como uma espécie de existência perspicaz, inteligente, um tipo de essência natural. (FEUERBACH, 1984)

*Continuing this view in his most important work, *Das Wesen des Christentums* (1841; *The Essence of Christianity*), Feuerbach posited the notion that man is to himself his own object of thought and that religion is nothing more than a*

*consciousness of the infinite.*¹¹

O filósofo neokantiano alemão Ernst Cassirer, em *Ensaio Sobre o Homem*, acredita que nós deveríamos definir os humanos como animais simbólicos, em vez de qualificá-los como “animais racionais” ou “animais culturais”. (CASSIER, 1994)

A essência do Humanitarismo é a afirmação da dignidade humana, do seu valor e de todos os seus desejos íntimos e sensuais; é a libertação do controlo e aprisionamento da teologia, do divino poder, e do renascer da antiga cultura Greco-romana. Tudo isto é precisamente a essência do "Humanitarismo", movimento europeu que marcou o período entre os séculos XIII e XIV.

Esta ideia de Humanitarismo está sem dúvida associada ao humanitarismo cultural que evidenciamos na cultura tradicional chinesa, já desde os tempos de Confúcio. Por exemplo, nos Analectos temos o conceito de ‘Ren’, que representa a humanidade, a bondade. A importância de desenvolver laços de solidariedade, da personalidade do indivíduo e dos direitos humanos¹², todos estes pormenores são transcendentais nos Analectos de Confúcio e no Humanitarismo europeu.

Os pensadores iluministas destacaram as características da “humanidade” e consideraram racionalidade, liberdade, igualdade e fraternidade como a “humanidade” dos seres humanos, representativa, portanto, do “humanitarismo” ou “humanitarismo” do movimento iluminista, uma forma de humanitarismo que enfatiza o caminho do ser humano.

Sob a perspectiva da prática criativa, a afirmação literária da natureza humana e humanitarismo encontra-se igualmente refletida numa literatura específica, a chamada literatura com cicatriz, que em primeiro lugar expõe o trauma do espírito e corpo humano, durante a provação. Esta exposição do trauma histórico está baseada nos direitos humanos básicos. Ela é basicamente a acusação da inumanidade através do

¹¹ Ludwig Feuerbach. Disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Ludwig-Feuerbach>>. Acesso em 23 jul. 2021.

¹² Chinese Humanism: A Study of Chinese Mentality and Temperament. Disponível em <<https://taiwantoday.tw/news.php?unit=20&post=26048&unitname=Culture-Taiwan-Review&postname=Chinese-Humanism%3A-A-Study-of-Chinese-Mentality-and-Temperament>>. Acesso em 3 jul.2021.

trágico destino dos pobres.

Em relação à literatura repensada, esta significa pensar sobre a relação entre os seres humanos.

Com o adensar-se das explorações ideológicas e teóricas, e o adicional desenvolvimento da criação literária, os escritores têm cada vez menos noção da distinção entre o estado ideal da natureza humana e a verdadeira realidade desta. Portanto, o humanitarismo na literatura transcende juízos de valor e apresenta uma independente e sóbria exploração literária, pois os autores necessitam de explorar a sua escrita através da descrição da sua vida real e da sua perspectiva sobre a realidade. Esta qualidade permite aos escritores incorporar o acontecimento real e reagir aos tópicos mais discutidos na literatura com base na sua experiência. Só então, gradualmente, é que será possível obter uma relativa experiência pessoal, perspectiva e estilo próprio.

A afirmação e ênfase atribuídas à humanidade e ao humanitarismo na criação literária, nos primórdios do Humanitarismo, teve um papel preponderante em termos humanitários do pensar; isto é, na total tendência social do pensamento e literatura tem excedido o seu âmbito de funções, assim como atingido outras onde se despertou a atenção de toda a sociedade, para a questão literária.

A perceção e reação ao Humanitarismo literário começaram com a afirmação do direito mais básico da existência humana, acabando por se estabelecer após um tortuoso percurso.

2.2 O humanitarismo de Saramago.

Saramago demonstra possuir uma enorme criatividade, e o mesmo afirma que os seus pontos de vista humanistas estão totalmente manifestados nos seus trabalhos. As análises críticas da sua obra estão focadas na interpretação de personagens e a imagética associada a elas. Este capítulo estuda a criação de Saramago, que trabalha e explora a sua visão humanista nas suas obras.

Antes de Saramago ter ganho o Prémio Nobel, o Doutor Sun Chengao da Universidade dos Estudos Estrangeiros de Pequim, e o Doutor Zhao Deming da Universidade de Pequim realizaram pesquisas pertinentes que serviram para introduzir Saramago à comunidade literária na China. O Doutor Sun Chengao previu que Saramago iria ganhar o Prémio Nobel em 1996, pois acreditou firmemente que as suas obras eram profundas e relevantes para o destino da humanidade, devido ao tipo de preocupações e problemas face ao Homem, descritas de uma forma inigualável. O Doutor Zhao Deming afirma que Saramago tocou o íntimo do coração humano, assim como o desenvolvimento e progresso da sociedade, contando com o poder das massas no processo da civilização humana, humanidade e animalidade, civilização e barbárie, liberdade, escravidão, verdade e engano. A luta desesperada entre a sabedoria e a ignorância, democracia e despotismo, será um tema eterno.

Saramago declarou no espaço Cultura da *Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. 33/2014:

“Sou bastante cético em relação à natureza humana, tão cético que nem acredito que haja uma natureza humana. Mas, seja isso o que for, acredito que se podem criar situações, estados de espírito, determinações que podem converter as mesmas pessoas, pouco generosas ou nada generosas, em solidárias, em certas circunstâncias.

Não tenho nenhum motivo para ter esperança. No plano estritamente pessoal, podemos ter razões para isso.

Mas se falarmos numa esperança que nos envolva a todos, ela não é possível num mundo como este.

Como será daqui a cinquenta ou cem anos? Estamos no fim de uma civilização e não temos ideia nenhuma do que vem aí. Nem sabemos se no futuro o ser humano terá alguma coisa a ver com o atual, ou se não será outra que deva passar a chamar-se de forma diferente.

Muita gente diz-me que sou pessimista; mas não é verdade. É o mundo que é péssimo. O ser humano limita-se na atualidade a "ter" coisas, mas a humanidade esqueceu-se de "ser". Ser dá muito trabalho: pensar, duvidar, interrogar-se sobre si mesmo[...]"¹³

¹³ *Revista de História e Teoria das Ideias: José Saramago: da realidade à utopia*. Disponível em <<https://journals.openedition.org/cultura/2415?lang=en>>. Acesso em 28 ago. 2020.

O conceito de utopia para Saramago é a procura de uma (im)possível sociedade livre e perfeita. O ideal utópico Saramaguiano traduz-se num processo de reaprendizagem, que se inicia e termina no ser humano em si mesmo. Para isso, há que crer nas capacidades do Homem, no seu poder de lutar contra toda a espécie de adversidades e violências.

Como Saramago divulgou a Eduardo Sterzi e Jerônimo Teixeira, em 1997, “Sabemos mais do que julgamos, podemos muito mais do que imaginamos”.¹⁴

Deste modo, o escritor acredita que é possível construir uma sociedade livre, justa, tolerante, inserida e atuante no mundo em que vivemos. O lugar da utopia passa sempre a estar no próprio Homem, com as suas convicções e credos. Se existem na escrita Saramaguiana muitas expressões ou comentários de angústia e insatisfação, outros se vão sobrepondo, numa constante procura daquilo que o Homem pode ou poderia ser.

Como diz a personagem que conhecemos como ‘rapariga dos óculos escuros’, da obra *Ensaio sobre a Cegueira*, “dentro de nós há uma coisa que não tem nome. É isso que somos” (SARAMAGO, 2008, p.162). Esta essência desconhecida é o que Saramago procura e encontra nalgumas das suas personagens, como por exemplo a do médico em *Ensaio sobre a Cegueira*. O médico coloca a hipótese de os seus olhos que levaram a vida a observar serem o “único lugar do corpo onde talvez ainda exista uma alma” (SARAMAGO, 2008, p.135).

Este caminho de aprendizagem que impõe uma mudança social é explícito e desperta uma sensação de alerta nos romances do autor. Essa mudança social, ainda que lenta e quase impossível de alcançar - talvez até mesmo utópica - está formulada numa representatividade de situações reais que poderão vir a ocorrer, se o Homem não se precaver.

É isto que acontece em obras como *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a*

¹⁴ *Revista de História e Teoria das Ideias: José Saramago: da realidade à utopia*. Disponível em <<https://journals.openedition.org/cultura/2415?lang=en>>. Acesso em 24 set.2020.

Lucidez, retratos do Homem enquanto semiantagonista do seu semelhante, déspota, que reduz à sua totalidade o valor da vida, que transforma o racional em irracional, e a Humanidade sendo gananciosa e com interesses unicamente pessoais; ou seja, uma exposição do pior em que se pode tornar o ser, dito Humano, se não para pensar e analisar, ao que de apocalíptico pode chegar o mundo que constrói, ou destrói...

Não obstante, sobressai, na obra de Saramago, a esperança, a mudança da Humanidade “desumana” em Humanista e Humanitária. São estas qualidades que se observam aquando da recuperação progressiva do mal da cegueira branca, símbolo e metáfora do espírito, em *Ensaio sobre a Cegueira*.

Os seus temas literários giram em torno das preocupações humanas e as suas obras olham a História e o futuro da natureza humana, em particular da exploração do povo, exibindo assim o seu forte sentido de denúncia e responsabilidade social, rompendo cânones e desmascarando sem qualquer pudor, tabus e hipocrisias. Todos os trabalhos refletem um tema distinto, porém a sua preocupação social está quase sempre manifestada.

O académico Zhao Deming¹⁵, que estudou extensivamente o trabalho de Saramago, está particularmente focado nas obras mais consagradas do escritor, sendo elas *Ensaio sobre a Cegueira* e *Memorial do Convento*.

Relativamente ao *Ensaio sobre a Cegueira*, o académico obteve várias opiniões: sobressaem-se a cegueira branca, fictícia, e a mulher do médico enquanto mensagem. Esta auxilia de um modo espiritual, permitindo a humanidade recuperar o seu brilho. Ele acredita que a mulher do médico e as lágrimas afetuosas do cão (o ‘cão das lágrimas’) são metáforas para os únicos testemunhos da compaixão que existe naquele mundo, com potencial para realizar a reconstrução da civilização urbana. Ele pressupõe que, se não houver controlo do contágio da cegueira, o mundo tornar-se-ia num inferno. Aponta para a novela em si como um profundo significado, conotação e metáfora omnipresente; no entanto, Saramago concentra-se na humanidade e

¹⁵ Zhao Deming, nascido em 1939, é um investigador chinês e tradutor de espanhol e português, reformado do Departamento de Espanhol da Universidade de Pequim em 2005.

manifesta este interesse desde a essência da humanidade até à preocupação e reflexão global das condições de vida dos seres humanos, assim como da civilização moderna. O forte criticismo social do trabalho e o significado alegórico são bastante perceptíveis, pois observam a incapacidade da medicina e o comportamento das autoridades perante um desastre desta natureza. Para além do mais, Zhao defende que a confusão que o autor transpira, a ansiedade e as incessantes dúvidas são as motivações criativas, emocionais e ficcionais de Saramago; ou seja, a verdadeira preocupação humanista do escritor.

Igualmente evidente em *Memorial do Convento* está o talento de Saramago ao combinar a história real com a imaginação ficcional, refletindo dois desejos diferentes ao redor de duas imagens: por um lado, temos o monarca que ordena a construção do convento de Mafra, no intuito de impor sobre os outros a sua vontade autocrática; por outro, encontramos o Padre Lourenço, Baltasar e Blimunda, que em trabalho conjunto constroem a máquina voadora Passarola. Este mecanismo, inovação para a época, simboliza a vontade pela liberdade da humanidade. Dito isto, há uma dualidade clara: o poder político do rei, a ditadura da igreja e o destino da humanidade que é rejeitado e criticado pelo autor; já os três personagens que nos acompanham nesta narrativa personificam a sabedoria humana, a força coletiva e o espírito criativo.

O académico Zhao Deming, afirma que isto é exatamente uma das características fundamentais do neorrealismo que emergiu do desenvolvimento da literatura portuguesa a partir de 1940, ou seja, explorar a promoção da consciência humana em termos literários. Aponta para a insatisfação e ódio de Saramago quanto ao despotismo, recorrendo à aplicação de metáforas e alegorias sobre tudo o que acontecia por detrás do convento.

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, há um ataque contra a indiferença que as pessoas mostram entre elas mesmas e a sua perda de identidade individual. A crítica a estes defeitos, aliada ao lado sombrio e incompetente do governo, está também visível na sua publicação posterior, *Ensaio sobre a Lucidez*.

Perante isto, podemos ver que a teoria humanístarista de Saramago está fortemente enraizada nesta sua obra, sendo que descreve através das suas personagens o seu espírito humanista. Por um lado, este espírito é manifestado com carinho e amabilidade. Por outro, o espírito humanista está implícito na coragem e entrega de tão grande obra, obra esta pela qual o povo é que recebe os louvores. Com a sua vida e sangue deixa o escrito, no silêncio de cada pedra, o seu sofrimento.

Lutador antifascista, encontramos ainda um Saramago com um humanitarismo antifascista, sempre ao lado dos mais fracos, desprotegidos, partidário da justiça, igualdade e da dignidade humana. Novamente, o Homem é o centro da Terra e os seus direitos invioláveis.

2.3 Razões para a formação do espírito humanitarismo de Saramago

2.3.1 A influência de fatores sociais.

Após a revolução industrial, o rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia compeliu a que a máquina substituísse a manufatura. Contudo, o ser humano depositou demasiada confiança nesta inovação e, ao ser substituído pelas máquinas, tornaram-se ainda mais dependentes delas. Deste modo, os pensamentos humanos são como seres restringidos por máquinas, afundando-se no atoleiro profundo da desintegração racional.

Para mais, das duas guerras mundiais restaram somente desolação e pobreza no mundo. Instalou-se uma era de valores conturbados, de vida difíceis com pensamentos de libertação nacional, global, e revoluções de descolonização. Durante esse período, o pensamento humano converteu-se caótico e confuso: no desespero, não era claro se se deveria lutar pela paz ou pelo lucro. Os conceitos tradicionais da moralidade ocidental foram, assim, abalados; o mundo religioso entrou em colapso e os seus valores dizimados.

O pensamento humanitário de Saramago é inconfundível, desde as suas criações às entrevistas. Num dos seus discursos, defendeu que não podíamos tomar

decisões, pois são elas que nos surgem na nossa mente sem realmente saber da sua existência. Para Saramago, isto não se traduz necessariamente na existência de um certo destino; na verdade, nós somos inevitavelmente apanhados pelo material deste mundo e esquecemos a essência do eu.

Aí imediatamente descobriremos quão ingénuo e pobre o individualismo é. Temos muito menos liberdade do que pensamos, e os limites estão sempre determinados pela História, política e sociedade na qual os acontecem viver.

O ambiente é cuidadosamente delineado e só podemos descobriremo-nos, regeremo-nos e definirmo-nos através dele. É a contínua exploração dos grandes temas de Saramago, não só nos seus trabalhos como também na vida real. A vasta multiplicidade de decisões tomadas, liberdade e necessidade, a teia da vida que nos apanha nela, nos limites dessa mesma liberdade e responsabilidade.

Nas incontáveis histórias que criou, José Saramago escreve sempre nessa temática sobre o destino das personagens, pelo que elas vão se integrando e ajustando-se ao enredo. As personagens não sabem quando a pressão da vida termina e se essa liberdade possa sequer ser verdadeira. A distinção entre a liberdade real e a imaginária é algo que vai para além das suas capacidades. O estilo, as pistas e a narração da novela seguem igualmente este caminho: uma narrativa emocional, voz interpretativa ubíqua e onisciente.

Por fim, o autor só pôde observar a pessoa apanhada na luta pela lei, pelo poder, nos desastres, nas crenças e guerras, e em todas as formas de injustiça fora da estabelecida rede da vida, fazendo e criticando, simpatizando, lamentando, ou simplesmente avaliando, o humanitarismo na contínua criação literária de Saramago.

2.3.2 A tradição do estudo o humanismo na literatura.

Da literatura grega da antiguidade clássica ao pós-modernismo, o ser humano tem sido um assunto nunca ignorado, despertando atenção desde os primórdios da sua existência. Foi sobretudo no Renascimento que as pessoas estudaram-no de forma

intensiva e persistente, sendo que este tema percorreu, sem dúvida, um caminho longo.

A humanidade é sempre a parte mais brilhante da natureza humana e, através da investigação contínua sobre o espírito humanista nas obras literárias, podemos ver a trajetória do desenvolvimento social e as fortes contradições das sociedades em geral.

Com o desenvolvimento dos tempos, os pensamentos humanistas em conformidade com a sua conotação apareceram e, com as mudanças destes, alguns foram gradualmente eliminados.

Embora o foco humanista de cada período seja distinto, todos eles são classificados como um foco; ou seja, a partir do Homem são estudados comportamentos, os lugares irracionais da humanidade, sociedade, civilização e sistema. Após cada uma das Guerras Mundiais, a exploração do Humanitarismo pelo povo atingiu o seu auge, pelo que muitos estudiosos publicaram as suas próprias teorias. Entre elas está a publicação do alemão, Heidegger, *Existence and Time*, finalizada em 1927, e *Uma Carta Sobre Humanitarismo*, publicada em 1947.

Seguindo o espírito exploratório dos antecessores, Saramago também tem as suas opiniões pessoais relativamente a este assunto. O espírito humanista, nos seus trabalhos possui não só o conceito de literatura humanitária tradicional e a investigação baseada nas pessoas, mas também as características do Humanitarismo na nova era.

Na reescrita da História Portuguesa ou na escrita, por vezes prospetiva, da História da Humanidade (as duas, afinal, sempre e inevitavelmente interligadas), o narrador tem permanentemente por objetivo a exposição clara de preocupações de teor humanista e humanitário, ora denunciando as violações aos mais elementares direitos do Homem, ora alertando para os perigos resultantes da globalização, de complicados jogos políticos e/ou religiosos, ou de sistemas repressivos que transformam o Homem em criatura aviltante.¹⁶

¹⁶ Barel, Ana(org.). *Os nacionalismos na literatura do século XX: os indivíduos em face das face das nações*. MinervaCoimbra, 2010, p.52.

Saramago preocupa-se com o presente e o futuro da humanidade como um todo, com as injustiças no mundo e com as fortes contradições da sociedade. As suas obras refletem essas mesmas decorrentes da integração cultural sob a globalização, a bondade, o mal na natureza humana e a luta dos mais fracos.

2.3.3 Características da personalidade resultantes da experiência pessoal.

A criação humanista de José Saramago deriva profundamente da sua experiência pessoal com o sofrimento.

O escritor nasceu em 1922, numa família campestre do Ribatejo com poucos meios financeiros. Foi desde criança que mostrou ser conhecedor e solidário com as condições do povo, e as adversidades fizeram-no desistir dos seus estudos prematuramente e trabalhar para ajudar a sua família. A obra *Levantado do Chão* é um retrato da sua vida.

O sofrimento induz as pessoas mais sensíveis na descoberta de muitos problemas reais; por essa mesma razão, Saramago tende a comentar intensamente a desolação e as suas consequências em subsequentes criações.

Para além do mais, o próprio se descreve como ateu. Ele não consegue acreditar que haverá algum deus ou crença que salve a destruída realidade social, pelo que costuma revelar o seu pessimismo através dos seus trabalhos. Todos compreenderão que este tipo de pessimismo é relativo e reservado. Saramago juntou-se ainda ao Partido Comunista Português (PCP) em 1969 e manteve a sua postura e militância pela vida. Provavelmente, a sua ideologia política influenciou o estilo dos seus trabalhos, pois nas suas obras encontram-se traços da sua profunda preocupação com o povo de baixo do ponto de vista comunista. O autor usa, portanto, a sua escrita como uma ferramenta política e social. É esta posição que o faz não poupar esforços para criticar a classe dominante, como observamos em *A Jangada de Pedra*, *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, entre outros.

O desacordo com as autoridades portuguesas resultou com que os seus trabalhos estivessem marcados pela controvérsia, levando-o a mudar-se para a ilha de Lanzarote, nas Canárias, como manifesto da perda de identidade com o poder vigente. Como analista da civilização moderna, a maior vantagem de Saramago é que ele se atreve a questionar a História e a querer alterar o presente. Neste olhar, como na maior parte das personagens, ele atua como um rebelde errante que se opõe às injustiças da sociedade real, assim como o contínuo crescimento da trágica experiência do Homem dos tempos modernos.

Nos tempos modernos, a razão é substituída pelo desejo material. O aparente desenvolvimento sem precedentes da civilização humana é, atualmente, um vazio de fé, e a indiferença da humanidade continua.

Saramago demonstrou vivamente todas as experiências sociais no romance – e até mesmo no seu *blog* – sobre o que entende por justiça no mundo, a sua preocupação pelos grupos desfavorecidos, inclusive o caminho mútuo entre o Homem e a natureza. O ser humano ocupa sempre o âmago do seu pensamento.

Aliás, a infância teve uma influência importante na sua vida, pois as memórias afetam direta ou indiretamente a criação literária do escritor. De facto, podemos validar a ideia de que as experiências que um vive afeta todo o seu ser. Virginia Woolf uma vez mencionou em *Novels and Novelists: A Guide to the World of Fiction*: “É um facto indiscutível que a experiência de vida tem um grande impacto nas novelas” (St Martins Pr, 1982, p.44). Adicionalmente, a crítica literária Hong Zicheng¹⁷ também defende que as vivências têm um papel muito importante na literatura: [a teoria] é uma inspiração valiosa, mas a experiência, em geral, é fundamental. Esta experiência de interiorização produzirá não só um forte impacto como ainda aprofundará o questionamento da crença original.

Os traços deixados pela experiência e sensibilidade criativa são muitas vezes difíceis de superar. Por outras palavras, a infância é uma etapa marcante no processo a

¹⁷ ZICHENG Hong nasceu na China em abril de 1939. As principais obras incluem *Introdução à Literatura Chinesa Contemporânea*, *Problemas da Literatura e Arte Contemporânea Chinesa*, *A Atitude e Autoconsciência do Escritor* e *A História da Literatura Chinesa Contemporânea*.

nossa maturidade, e a consciencialização básica deve nascer logo nesse período. Embora a infância seja um período curto, os acontecimentos que nele ocorrem deixarão marcas na mente e terão, como consequência, um efeito no comportamento futuro. Deste modo, o subconsciente criativo do escritor pode ser afetado por determinadas experiências de infância, resultando com que o subconsciente estimule a expressividade e a criatividade que motivarão a escrita.

Quando José Saramago era criança, como conta, adormecia a ouvir histórias contadas pelo seu avô. A maioria delas estavam repletas de lendas absurdas e bizarras, arrancadas do ambiente real, que deixaram no jovem Saramago uma profunda marca.

As narrativas do escritor apresentam uma imaginação incomensurável. Os enredos das histórias são, na sua maioria, fora do ordinário e incompatíveis com a realidade.

Ainda sobre a sua infância e as raízes que vieram a construir esta imaginação, no *El Pais* publicou-se o seguinte parágrafo:

“Em *As pequenas memórias*, Saramago propõe narrar as memórias de sua infância (as memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente), mais especificamente o período compreendido entre os 4 e 15 anos de idade e no qual vivia na cidade, mas visitava frequentemente a aldeia onde nascera – a Azinhaga. Tal projeto autobiográfico respondeu ao desejo que o acompanhou durante anos: o de escrever e dar a conhecer a sua origem humilde e campesina: Queria que os leitores soubessem de onde saiu o homem que sou.” (“El Pais”, out. de 2006).¹⁸

A maravilhosa história do seu avô permitiu a Saramago uma memória extremamente marcante e emocional. Provocou nele uma injeção de vitalidade na sua vida quotidiana e fê-lo sentir um maravilhoso, bizarro e incrível mundo. Exposto isto, esta memória carinhosamente preservada acabou por influenciar a sua criatividade.

Como mencionado, a sua criatividade apresenta preferências por cenários fora do ordinário, o que se constata em múltiplas obras. O exemplo mais óbvio seria o

¹⁸ RIBEIRO, Novalca. *O eu pequeno revisitado: experiência e memória em José Saramago, Murilo Mendes e Walter Benjamin*. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

fenómeno que despoleta o enredo em *Ensaio sobre a Cegueira*, onde a maioria das personagens subitamente perde a visão, caindo num mundo branco e recuperando, de forma igualmente repentina, a sua visão. Ainda existem outros mundos extraordinários de outras obras que se inserem como exemplos: *A Jangada de Pedra*, a península da Ilya, separada do continente Europeu, que começou um caminho à deriva; o romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, o Doutor Ricardo Reis discute o amor, a morte, política e outros tópicos com o falecido poeta português Fernando Pessoa, que deixa o mundo com ele. Por fim, Blimunda é a pessoa que pode ver o interior dos outros, uma mulher mágica.

Os trabalhos de Saramago são cruéis, por não existir sentimento humano, profundos e irónicos, o que é inseparável da sua própria forma de pensar e pontos de vista literários. Saramago contempla a escrita literária como uma forma de trabalho. Crê que a profissão de um escritor é a de comentador, que vê esta era e este mundo de uma maneira crítica e assim, sob esse ângulo, comentá-lo.

Este género de trabalho é similar a qualquer outro; afinal, é um trabalho e não será a literatura que terá a capacidade de mudar o mundo, de acordo com o próprio. É somente um caminho para os escritores examinarem esse mundo e comunicar com as pessoas. A comunicação é que é fundamental: Saramago é um escritor com um forte sentido de responsabilidade social.

Utilizando a caneta como a sua arma para lutar contra todos os tipos de abusos na sociedade, revelou os seus sentimentos mais profundos perante a injustiça. A tirania ganha relevo, as desigualdades acentuam-se, a ignorância cresce e a miséria se expande. Os seres humanos podem enviar ferramentas complexas para outro planeta e estudar as divisões estruturais de uma pedra, por isso podem também tratar milhões de pessoas que passam fome. A morte é indiferente.

Na sociedade de hoje, as pessoas não tomam em consideração a desigualdade e o desespero. Confrontado com uma acusação de violência, um forte sentido de responsabilidade social e justiça, Saramago aconselha vivamente a tomar atenção a esta sociedade e era. Expõe e ataca toda a forma de má prática dentro das comunidades,

e apela para a estimar o mais profundo da natureza humana. Estes problemas tornam-se comuns nas suas obras.

Tal como as suas palavras, uma voz furiosa vivia lá dentro:

“Aparentemente, sim, estou inteiro [apesar de conhecer as feridas do mundo]. Mas quem me conhece bem sabe que sangro por dentro. Todos os dias a todas as horas. Sou, em carne e em espírito, um grito de dor e indignação.”¹⁹

Nos últimos anos da sua vida, o escritor abriu um *blog* e nele submeteu as suas próprias opiniões e os acontecimentos da sociedade, criticando-os, politicamente, na *internet*. É um firme defensor de que um dos mais essenciais trabalhos dos intelectuais de hoje, incluindo os escritores, é tornar-se comentador de uma era à qual pertence. Mesmo que a atualidade possa parecer melhor do que era a vida há uns anos atrás, é sempre necessário olhá-la de uma forma crítica e atenta.

Como é sabido devido à sua posição política, Saramago opôs-se ao governo militar, à ditadura de Salazar, à igreja, ao bloqueio dos Estados Unidos a Cuba, à guerra do Iraque “criada” por Bush e Blair, a ocupação israelita na região palestina. Para além destes, é completamente contra a censura de qualquer tipo de trabalho literário por qualquer governo, renegando ainda um capitalismo hipócrita e canibalesco, o neototalitarismo e o fracasso da democracia contemporânea, sob o domínio das grandes corporações multinacionais.

Saramago absorveu e ligou à sua fértil imaginação reflexões sobre história, preocupações sobre o futuro e atacou a repressão política nos seus trabalhos, seguindo de forma consistente a sociedade ao suplicar pela sua humanidade.

¹⁹ 15 frases de José Saramago sobre sua vida e sua obra. Disponível em: <<https://notaterapia.com.br/2018/05/29/palavras-de-saramago-vida-e-obra/>> Acesso em 11 maio.2021.

2.3.4 A influência de Kafka sobre o autor.

José Saramago é um escritor de envergadura do século XX, influenciado pelo modernismo e pós-modernismo. Após ter ganhado o Prémio Nobel da Literatura, foi entrevistado pela repórter espanhola Sol Alameda, do *El País*. Saramago falou da influência que Franz Kafka teve nele: “A razão pela qual li o seu trabalho é quase a mesma como a de começar a fumar. Quero imitar. Penso que foi como quando comecei a escrever. Não é imitar um trabalho específico...só aprender a escrever. Os outros podem fazê-lo; por que não eu? [voz de Alameda] Quando lhe pergunto sobre os escritores que, para ele, representam o espírito do século XX, Saramago responde: Kafka, Pessoa e Borges”.²⁰

Muitos críticos comparam José Saramago com Franz Kafka. Saramago reflete que todos os fenómenos estão integrados nas coisas mais banais da vida diária, de forma a criar uma atmosfera kafkiana e envolver os leitores num dilema. Kafka é conhecido como o pai da literatura absurda e é um escritor de relevo na História da literatura ocidental do século XX.²¹ Construiu um mundo irreal, com um estranho percurso de solidão e ansiedade. O dilema que sobrevive reflete as características espirituais do século XX.

Os trabalhos de Kafka têm influenciado gerações de escritores, e Saramago não é exceção. Após conhecer as suas obras, o escritor português associou-as, inconscientemente, às de Kafka. O absurdo de Saramago e Kafka é tal como a própria vida das pessoas que, sem respeito, caminham num mundo anormal.

“One morning, as Gregor Samsa was waking up from anxious dreams, he discovered that in bed he had been changed into a monstrous verminous bug. He lay on his armour-hard back and saw, as he lifted his head up a little, his brown, arched abdomen divided up into rigid bow-like sections.”²²

²⁰ ALAMEDA, Sol. *José Saramago*. El País, supl.El País Semanal, n.º 1157, 29 de Novembro de 1998.

²¹ CHENGAO, Sun. *Truth in Fiction - A Compendium of Blindness*. Institute of Foreign Literature, Beijing Foreign Studies University, article number:1002-5529(2002)02-0090-05.

²² KAFKA, Franz. *The Metamorphosis*, p.2. Disponível em:< <https://portefolioricardo.blogs.sapo.pt/2797.html>>. Acesso em 11 maio.2021.

O absurdo de Kafka é um absurdo que transforma as pessoas em vermes, no seio familiar.

A realidade social é uma existência que afasta as pessoas, e Gregor passa os seus dias a correr para tentar sobreviver, porém é incapaz de encontrar um sentido de pertença na sua vida. A sociedade e mesmo a família e a ética humana alienam-no, e eventualmente torna-se um ser alienado, abandonado pela sociedade e pela família.

Este é um retrato distorcido da situação existencial que o homem moderno pode enfrentar na sociedade moderna. Com a notável e extraordinária imaginação de um romancista, Kafka oferece uma representação alegórica da condição humana. É a perda e mutação do Eu que o homem moderno enfrenta, a incapacidade de encontrar compaixão, compreensão e cuidado mesmo entre aqueles que lhe são mais próximos, a alienação do Homem em relação à sua própria situação, o seu tornar-se algo que ele não é, e ao mesmo tempo a sua incapacidade de fazer algo sobre esta alienação de si próprio.

Tudo isto reflete uma certa característica essencial da sociedade moderna. *A Metamorfose* retrata assim também uma certa possibilidade para o Homem. A transformação de Gregor num besouro gigante é uma das ideias de Kafka sobre o que é possível para o Homem. Na realidade, obviamente que não se torna um besouro, mas tornar-se um grande besouro é um símbolo da possibilidade última da existência humana. É a derradeira possibilidade que cada um de nós é suscetível de enfrentar. Neste sentido, Kafka está a escrever sobre o estado atual da existência humana.

O escritor alemão Hermann Hesse uma vez disse “Acredito que Kafka pertencerá sempre a tais almas: elas expressam criativamente uma premonição de grande mudança, mesmo que esteja cheia de dor”. O romancista e crítico britânico Anthony Burgess, por outro lado, acredita que as obras de Kafka expressam uma sensação de pesadelo do mundo, para a qual “não se pode fazer uma interpretação direta, embora o género seja frequentemente suave e incómodo, o ambiente é sempre

tão pesadelo, o assunto é sempre tão pouco aliviado” e “Kafka influenciou-nos a todos, não apenas ao escritor”.²³

Em *Ensaio Sobre a Cegueira*, somos logo apresentados à cena onde tudo se despoleta: parado no semáforo, no momento em que a luz verde estava acesa, um carro simplesmente não avançou. Permaneceu ali. Regra geral, um carro mantendo-se parado à frente da luz verde não é normal. Há muitas razões pelas quais o veículo não pode andar normalmente, mas a verdade não tarda a ser revelada.

“[...] consoante se vai ficar a saber quando alguém, enfim, conseguir abrir uma porta, estou cego. (SARAMAGO, 2008, p.12)

A repentina cegueira ocorre no semáforo, com sinal verde, pelo que o autor explica que o foco se estende desde o individual aos humanos, da família, à sociedade.

As duas novelas são intrincadas obras, contudo este absurdo vem do dia a dia, induzindo os leitores a sentir que esta autenticidade é possível para qualquer um. Qualquer um pode ser cego na vida.

²³ An analysis of Kafka's solitary spiritual quest from the art of absurd hunger. Disponível em <http://www.360doc.com/content/20/1120/17/49165069_946928370.shtml>. Acesso em 20 jul.2021.

Capítulo 3 - O pensamento do humanitarismo

3.1 As características do romance.

O romance baseia-se na convicção de que uma doença infecciosa desastrosa eclodiu subitamente numa cidade moderna desconhecida. No momento em que a máscara da natureza humana foi removida, o diabo rompeu a muralha: toda a cidade revelou uma natureza humana indiferente. Os edifícios destruídos e a natureza destruída mostraram que as pessoas viviam como animais selvagens.

Neste romance, as metáforas, os símbolos e as alegorias são fortemente investidas na sua narrativa. Estas características estão intimamente relacionadas com a experiência de vida do escritor, dos factos históricos e subjetividade política, temas a que Saramago dá relevo, através sempre dos mais fracos, dos banidos, entre outros afastados pela sociedade. Por outras palavras, estas histórias são próximas da experiência de vida, contendo factos históricos e políticos de interesse cultural.

A particularidade de ocultar as características das personagens é evidenciada num país de cegos, onde as pessoas já não são propriamente pessoas. É difícil discernir quem está a falar. Tudo o que se consegue ouvir é a voz, os sons, em sinestésias que ferem e revoltam a audição humana.

No romance, as personagens não são donas de nomes. Esta é uma tentativa muito nova, com o sabor dos romances modernistas, emprestando de certa forma de Gil Vicente. As personagens só possuem posições sociais e aparências. Até certo ponto, é equivalente a uma simplificação de toda a sociedade humana. Uma pessoa chamada “médico” aparenta representar todo a classe dos médicos; uma criança, todas as crianças. Assim, a personagem não terá uma personalidade própria e única, mas apenas um carácter instrumental, uma figura tipo.

Neste caso, não existem diferenças de idade, género, crença ou condição social a criar entraves nas relações humanas, o que provoca um sentido de equidade entre todas as figuras. O velho da venda preta pode-se apaixonar por uma rapariga dos óculos escuros, que é muito mais jovem que ele, e o contrário também se tornará possível.

Como é sabido, uma peculiaridade do estilo Saramaguiano é o facto dos parágrafos serem muito longos, onde se observam somente vírgulas e pontos. Por isso, é usual forçar os leitores a lerem o diálogo, repetidamente, ao longo da leitura. Quanto ao discurso, só se manifestam vozes e estas não têm aspas, pontos de exclamação ou de interrogação.

*O narrador não é participante e é omnisciente e omnipresente.*²⁴

Não existe nenhum apoio emocional durante nas palavras da obra. Esse será executado por quem o interpreta, o leitor, que o irá transformando ou reinterpretando através do tempo, segundo a sua própria leitura e visão. O mesmo se passa com a escrita poética de Fernando Pessoa, no ortónimo.

A perspetiva de Deus é limitada, e só pode ser compreendida através de sinestésias que irão dar mais força e sentido à obra.

“Não são conhecidos os nomes das personagens do livro. O eu não existe. Nesta situação, isso é irrelevante. Só vozes, e essas não têm aspas, pontos de interrogação ou exclamação[...] O resultado é uma voz neutra, imparcial.”²⁵

A parte textual do romance está basicamente dividida em duas partes: a narração do autor para avançar na história, e o diálogo entre as personagens.

Por um lado, o *Ensaio sobre a Cegueira* tem ares da sociedade primitiva. Os pensamentos humanos "progridem" com a sociedade, mas quando esta começa a

²⁴ Comentário ao romance "*Ensaio sobre a Lucidez*" de José Saramago. Disponível em: <<https://portefolioricardo.blogs.sapo.pt/2797.html>>. Acesso em 11 set.2020.

²⁵ JIAQI, Chen. (2001). *People who are alive need regeneration*. Reading Magazine, No.10.

regredir, os pensamentos humanos não terminam, persistem. Sob tais circunstâncias, aumenta a escuridão dos seres humanos, a ignorância, porém a bondade é com grande força trazida à luz, à claridade, à sabedoria.

Na obra, Saramago emprega a cegueira para devolver à humanidade o seu tempo mais original. Nesta cidade invisual, ocorrem casos extremos: alguns tornam-se violadores, outros comem galinhas vivas cruas como selvagens para se manterem vivos.

Por outro lado, o romance mostra-nos a sociedade atual vista ao microscópio. Os olhos são as já nelas da alma; quando estas não podem ver, será que provocam tristeza ou alívio?

A força extraordinária deste autor está demonstrada nesta complexa obra. Cada detalhe dissecou o pior da natureza humana, a sua quase irracionalidade perante situações incontroláveis ou imprevisíveis. Os seres humanos voltam aos primórdios da civilização, ao início da sua vida, à “comunidade”. Nas condições extremas de sobrevivência, as pessoas são forçadas a manterem-se unidas para se apoiarem e confortarem umas às outras. As mulheres, em particular, deram as mãos espontaneamente no seu regresso às suas casas após todo o tormento:

“Surdas, cegas, caladas, aos tombos, apenas com vontade suficiente para não largarem a mão da que seguia à frente, a mão, não o ombro, como quando tinham vindo, certamente nenhuma saberia responder se lhe perguntassem, Porque vão vocês de mãos dadas, tinha calhado assim, há gestos para que nem sempre se pode encontrar uma explicação fácil, algumas vezes nem a difícil pôde ser encontrada.”
(SARAMAGO, 2008, p.178)

Ao encontrarem desastres e dificuldades, eles involuntariamente encontrarão o seu próprio grupo, grupo esse que desenvolverá rapidamente um princípio e crença comuns, e agirá em parceria.

“Em outras palavras, subjetividade produzida através da cooperação e da

comunicação, e por sua vez esta subjetividade produzida vem a produzir novas formas de cooperação e comunicação, que por sua vez produzem nova subjetividade, e assim por diante.” (NEGRI, 2005, p. 189 e 190)

Nesta obra, o autor ficciona um traço que corrompe impiedosamente o Homem e a civilização, pela ablepsia que conduz a um mundo das mais intensas contradições, enquanto destaca a imagem da esposa do médico clamando pelo retorno à humanidade.

Do medo à dúvida, da dúvida ao apoio, do apoio à confiança, o mal da natureza humana diz respeito ao alimento, sexo, dignidade e opções de sobrevivência.

Depois do inferno, o cego torna-se uma pessoa perspicaz, capaz de assumir responsabilidades. No entanto, o seu sofrimento persiste e até se agrava, tal como o salvador com a religião, que é compassivo e deve cuidar de tudo com tenacidade.

Coloca-se a questão: porque é que o autor pensou na esposa de um médico cuja visão se mantém? A possibilidade mais óbvia seria, caso não exista realmente ninguém que tenha capacidade num mundo onde toda a gente a perdeu, o ambiente seria caótico e impossível para o leitor criar imagens para a sua perceção. Do ponto de vista do romance, uma pessoa de visão normal pode testemunhar todo o sofrimento e miséria humana através dos seus olhos, e depois realizar uma série de reflexões, instigantes envolvendo o tema do romance.

Com os próprios olhos, palavras e atos específicos, a esposa do médico, abnegadamente, ajuda os cegos ao seu redor e, espiritualmente, dá-lhes confiança e coragem. Com o seu auxílio, aos poucos poderão recuperar a sua humanidade nesta tragédia. É a imagem do mensageiro do retorno à natureza humana que entende que só a união poderá ser a saída definitiva.

O uso de técnicas artísticas metafóricas para expor a realidade e alertar o seu público é também uma manifestação concreta da preocupação de Saramago, no que concerne ao destino humano e a exploração do futuro do mundo.

A diversificação da criação do tema literário é também uma outra característica

mais reveladora das obras de José Saramago. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, esta conduz à aniquilação da natureza humana e à perda de ética, seguidas do colapso da sociedade civilizada, que constitui o tema principal. Ao mesmo tempo, a obra também envolve outros temas políticos e sociais, a arbitrariedade e despotismo daqueles que estão no poder, e o fenómeno que existe na sociedade real, que exclui algumas pessoas consideradas diferentes deles.

Saramago manteve-se consciente de que vivemos num mundo onde a exclusão social é usual. Existem inúmeros exemplos, desde os idosos que vivem um quotidiano solitário aos doentes de SIDA, cuja doença é alvo de repulsa e medo. O desejo pela sobrevivência de cada um de nós faz-nos contrariar esta atitude de exclusão social. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, as pessoas atacadas pela cegueira são forçadas a permanecerem isoladas num centro psiquiátrico, onde a administração estabeleceu quinze regras para eles. Estas estão explícitas no livro. À primeira vez, os pacientes escutam alguém que costuma dar ordens, ordens vindas de uma voz forte e rígida; à segunda vez, tal como o aviso anterior, inútil; no momento em que chega à última frase, as luzes apagaram-se e os altifalantes ficaram mudos, uma frase descontinuada.

Esta situação personifica a tentativa falhada de isolar os cegos do exterior. Este mundo está indubitavelmente cheio de sofrimento, mas até mesmo numa fria análise, o escritor, cheio de humanitarismo, utiliza o pequeno espaço para descrever o amor entre os cegos. A mulher do médico chega a testemunhar um homem e uma mulher, ambos invisuais. Pouco tempo depois, os dois ainda têm as mãos unidas.

Para além disso, a ansiedade e dúvida são exatamente a motivação para criação da obra. O *Ensaio sobre a Cegueira* mostra, claramente, a preocupação do escritor pelo destino da humanidade, preocupação essa que permitiu José Saramago ser reconhecido como um dos maiores novelistas do mundo. A razão pela qual ele se torna um mestre é porque nunca se separou do profundo desassossego no que toca ao destino da humanidade, quer esteja a pensar ou criar. Deve ser dito que o seu Prémio Nobel da Literatura foi um prémio bem merecido, e não accidental.

Todavia, um escritor é um ser distinto de um comentador político ou de um

filósofo. Ele tem de transmitir na sua criação literária, no caso Saramaguiano a preocupação pelo fado reservado ao Homem. Isso implica que a intenção criativa do autor deve ser feita através de significados artísticos (longas novelas) para refletir, nos termos habituais; é o alto grau de unidade entre as qualidades artística e ideológica do trabalho. Embora Saramago tenha similitudes com o neorrealismo, em termos de participação social conscienciosa, nos de conceção de conteúdo e métodos expressivos excede bastante a categoria das obras do neorrealismo.

Saramago, como o genial poeta português Fernando Pessoa ou o escritor argentino José Luís Borges, encabeça o espírito do século XX. A sua criação novelística foi indubitavelmente influenciada por eles.

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, Saramago ficcionaliza um mundo de cegos, amaldiçoados por uma súbita cegueira branca. A sua forte imaginação é espantosa. Esta incrível história ficcional é concreta e viva. As personagens e acontecimentos fabricam o absurdo, sem ser descrito como razoável, onde todo o inacreditável fenómeno aparece incontestável.

O carácter verídico dos detalhes confunde o limite entre ficção e realidade. No mundo de gente cega, o que se testemunha são aquelas coisas que podem ser encontradas na vida real.

A competição entre cegos pela sobrevivência, seja no mundo ficcional de gente cega ou no real de cegueira intelectual, tem causado a distorção e aniquilação da natureza humana, além da catástrofe e exterminação da sociedade. Contudo, pode ser dito que a história da cegueira é uma: a contemporaneidade de uma fábula viva, com um significado simbólico e profundo. A coragem é a capacidade de fabricar histórias sem deslembrar a responsabilidade social do escritor.

A obra é incerta em termos de tempo. Na contextualização temporal da história, sob alguns sinais ali inseridos tais como a presença de carros, podemos assumir que os seres humanos integram uma sociedade civilizada, algo que não se testemunha na antiguidade. Além do mais, poderá ter acontecido hoje como poderá acontecerá

amanhã. A metáfora é que os seres humanos perderão a visão em qualquer altura. À medida que o tempo avança, o espaço da novela também se torna incerto. O escritor esforça-se por remover todos os palpites que poderão ser reconhecidos de imediato, de modo a que a história possa ter lugar em Portugal ou em qualquer outra parte do mundo. O conceito do tempo e espaço serem indeterminados, sem importar o país ou região, é indubitavelmente a procura por estabelecer uma universalidade no trabalho.

É o destino de toda a raça humana.

As personagens que compõem a história não têm nomes e o narrador faz transformações, com um diálogo em série de frases.

Na descrição do enredo do romance, Saramago centraliza as personagens no início da história, no mesmo espaço.

Tudo começa depois de o ladrão do carro ter entrado no dormitório, onde ele luta contra o primeiro cego devido ao roubo. Posteriormente, tendo em conta o assédio à rapariga de óculos escuros, o tacão do salto alto da rapariga rasga-o nas calças, acabando por ferir a perna do ladrão. Como não pode receber tratamento no hospital psiquiátrico, o ladrão arrasta a perna ferida até ao portão para pedir ajuda, mas os seus esforços acabam em vão: o pânico causado fez com que os soldados se reunissem nos portões e disparassem contra ele, morrendo aos tiros.

No hospital psiquiátrico, recebe-se todos os dias um grupo de cegos, cujo número vai rapidamente aumentando e o espaço diminuindo. A distribuição de alimentos é desequilibrada. Para obter comida e território, os cegos transformam completamente o hospital num caos e a sujidade reina. Neste espaço fechado e pequeno, cenas chocantes, inacreditáveis e obscenas ocorrem todos os dias. Para poder receber comida com antecedência, nove cegos esperaram no terraço, sentados. Os soldados que fazem o transporte de comida têm receio de serem infetados e ameaçam-nos.

Um grupo de cegos armados entra no hospital psiquiátrico e, com o poder de armas, governa o hospital. Confisca toda a comida e exige que as pessoas troquem os

seus bens por comida. Depois de apreender as joias de ouro e prata, o grupo obriga que as mulheres cegas vendam o seu corpo por alimentos. O grupo acaba por ter o seu final quando o líder é assassinado e um incêndio, provocado intencionalmente, traz a liberdade aos encarcerados. A mulher do médico leva algumas pessoas para fora do hospital, mas tudo se agrava quando veem o "outro mundo" ainda mais caótico.

A cidade inteira está inundada de gente invisual, privada de água, eletricidade, comida, as necessidades básicas. Não há nada. O caos lidera as ruas, todas elas estão sujas e infestadas de fezes, lixo, cadáveres espalhados por todo o lado. Ratos e cães correm pela rua e o cheiro nojento de excrementos paira no ar. Os cegos procuram por comida em grupo, enquanto uma mulher envelhecida, subnutrida e cheirando a mofo devora coelho e galinha crua para sobreviver. “(...) havia peles de coelho pelo chão, penas de galinha, ossos, e, sobre a mesa, num prato sujo de sangue ressequido, pedaços de carne irreconhecíveis, como se tivessem sido mastigados muitas vezes” (SARAMAGO, 2008, p. 237).

No seu romance, José Saramago traz à superfície o bem e o mal da natureza humana, o estado da existência humana, e os desafios da crise e a linha de fundo da civilização que a humanidade enfrenta. Saramago escreveu as suas palavras com firmeza para relatar um mundo fictício - porém bastante realista - onde a civilização se desmoronou, expondo a violência, ganância, egoísmo e maldade. Toda a ordem e moralidade desaparecem.

Para controlar esta desordem, o governo é considerado a melhor forma de integração do grupo humano, a melhor organização para concentrar a mão-de-obra e um órgão fundamental que pode efetivamente organizar o poder contra o mundo exterior. Quando a cegueira se disseminou, as pessoas imploraram por socorro ao governo, mas este simplesmente concentra os cegos no hospital psiquiátrico e deixa-os sós, revogando a sua responsabilidade e vontade. Para além do mais, o governo tomou medidas incríveis a fim de esconder a doença infecciosa do olho branco.

Perversidade após perversidade, o governo finge-se cego por conveniência.

Por um lado, Saramago rasga a disformidade e pecado de natureza humano; por outro, ele revela a tenacidade e bondade da natureza humana. O objetivo da criação literária é atribuir às pessoas esperança, para as levar a acreditar na vida e no amor, pois na humanidade ainda há fé. Essa é a crença de Saramago na humanidade, que está refletida nas suas obras.

Como em *Ensaio sobre a Cegueira*, nem todos os cegos querem satisfazer os seus desejos egoístas, assim como nem toda a narrativa em si é completamente deprimente.

Abordar questões sobre a humanidade é preponderante em todas as obras de Saramago. O próprio admitiu numa entrevista ao *Paris Review* que as personagens que ele criou parecem ser personagens que realmente existem num mundo verdadeiro, pois o autor deu-lhes alma e transmitiu as suas emoções, como raiva, tristeza e alegria, nas suas narrativas.²⁶

Deste modo, as personagens do romance têm basicamente as suas próprias ideias e vida. O corpo existe na forma da alma. É precisamente nesse método especial de integração que Saramago apresenta os seus pensamentos humanitários e ideias críticas. Tal como Adelto Gonçalves escreveu no *Jornal Opção*, “Personificações como “morte” e “gadanha” de “As Intermitências da Morte” e instituições como “máphia” e “governo” do mesmo romance. Até mesmo personagens que fogem à condição humana foram contemplados, como os cães “Achado”, “Ardent”, “Tomarctus” e “Cão das Lágrimas”, que na obra de Saramago tantas vezes apresentam sentimentos e reações que nem sempre são encontrados com facilidade em homens e mulheres. Sem contar o “Elefante”, que seria a personagem principal do conto “A Viagem do Elefante” (2008).”²⁷

Saramago tem explorado questões da natureza humana durante toda a sua vida.

²⁶ BARROSO, Donzelina. *The Art of Fiction No. 155, The Paris Review*. Disponível em: <<https://www.theparisreview.org/interviews/1032/the-art-of-fiction-no-155-jose-saramago>>. Acesso em 7 ago 2020.

²⁷ GONÇALVES, Adelto. *José Saramago e suas personagens, Jornal Opção*. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/jose-saramago-e-suas-personagens-102227/>>. Acesso em 7 ago. 2020.

Para ele, a exploração do ser humano na natureza dita humana ainda está na fase primordial. Este é o problema que se guarda de forma mais profunda. Na obra, existe não só um ataque à decadência da humanidade, mas também a esperança da sua reconstrução.

3.2 O humanitarismo na rapariga de óculos.

A rapariga de óculos é a personagem mais complexa da obra. Antes de ela perder a visão, sustentava-se com a prostituição. Contudo, o seu caráter e experiências são consideravelmente diferentes das outras que só vendiam o corpo exclusivamente por dinheiro. Depois de ter sido infetada com a cegueira, também ela foi parar para o hospital psiquiátrico. Aí, cuidou de um menino órfão. Em situações que não tinham acesso a comida, ela passava fome para dar a sua comida ao rapazinho estrábico.

“Quem não se cansa a repetir que tem fome é o rapazito estrábico, apesar de a rapariga dos óculos escuros, praticamente, ter tirado a comida à sua boca para a dar a ele.” (SARAMAGO, 2008, p.87)

Durante o incidente em que foi abusada sexualmente por parte dos assaltantes do carro, teve a coragem de resistir à violência do assédio sexual, sobrevivendo as lesões físicas e psicológicas. Confrontada com a perda da sua dignidade, a rapariga chorou, sentindo-se culpada por algo que não foi, de todo, sua culpa. Deitou-se na cama do homem velho, que usava uma venda nos olhos, pois confiava nele. Passou ainda uma noite de pé com o médico, como se se tratasse de um fantasma. Até mesmo quando o ladrão tirou a comida, ela não desistiu e resistiu. Isto são momentos que, parecendo isolados, transmitem ainda assim toda a complexidade humana da obra.

Lutando pela sobrevivência entre pessoas no mesmo dormitório, junta-se ao velho, formando com ele um casal, conseguindo deste modo escaparem os dois do hospital psiquiátrico. Atrações e outras superficialidades à parte, os seus instintos falam mais alto e adota escolhas que consigam garantir o seu bem-estar.

Em resumo, ela representa a dura realidade humana. O ser humano experiencia vivências diferentes, uns mais desprovidos do que os outros, o que acabará por moldar a sua pessoa.

Em primeiro lugar, na rapariga observamos a escolha livre do estilo de vida que tinha anterior à cegueira. Algumas pessoas vêm a prostituição como um suplemento do sistema de casamento numa sociedade dita civilizada, ou, na satisfação de desejos sexuais momentâneos.

Para a rapariga dos óculos escuros, a escolha do seu tipo de vida é independente do seu sentido moral. Se uma mulher dorme com alguém em busca de fins monetários, ela pode ser conotada de imediato com uma prostituta e é banida pela sociedade. É um determinado tipo de pessoa mas, na realidade, ela pode ter a mesma profissão que qualquer outra pessoa com uma carreira mais ortodoxa. Não precisa de estar sempre disponível para vender o seu corpo em troca de sobrevivência; então, passa a opção, a uma necessidade de momento, e é naturalmente responsável pelo resultado da sua escolha.

No momento em que se torna cega, a rapariga assume esta tragédia como castigo pelo seu comportamento moral. A liberdade humana não é algo que acontece uma vez e dura de forma permanente; há que preservá-la e lutar por ela. Contudo, os seres humanos são confrontados com decisões, e essas, ocasionalmente, não são as mais apropriadas no caminho da vida... Depois da cegueira, ela ainda enfrenta e faz escolhas.

Em segundo lugar, observam-se as mudanças na liberdade de escolha de sentimentos e desejos após a cegueira. De facto, esta é uma espécie de purificação, evidente na rapariga dos óculos escuros.

As prostitutas ressurgem como mulheres decentes, as decentes como prostitutas. Após a libertação sexual, a rapariga dos óculos escuros reposiciona o seu verdadeiro estado existencial. Observa-se que, na obra, existem sempre motivos ulteriores nas relações sexuais; deste modo, os resultados serão inevitavelmente nocivos,

nomeadamente a troca de comida por sexo, um ato humilhante para a mulher. Causar-se-ão danos ao corpo e mente da mulher, a saúde estará ameaçada e a alma será destruída.

Após de se tornar invisual, o leque de opções da rapariga dos óculos escuros sofreu uma mudança drástica, assim como de muitos outros. A cegueira indubitavelmente destrói a estabilidade familiar. As pessoas já não precisam de ser uma força laboral. Só permanece uma única certeza neste novo mundo desconhecido, que é escapar à solidão. A rapariga dos óculos escuros elege o médico, sendo ele uma manifestação de autoridade, conhecimento e conseqüente experiência, e ainda uma pessoa mais velha, que escolhe usar uma venda, uma manifestação de um tipo de solidão e escapatória. Em termos de desejo, levando em consideração que os velhos não têm tanta paixão e libido, talvez assim a escolha da rapariga seja reflexo dos seus sentimentos, da necessidade de proteção e possivelmente de um pouco amor.

3.2.2 A mulher do médico e o cão das lágrimas.

A esperança do regresso da humanidade.

A característica mais significativa da mulher do médico é que ela possui visão num mundo de cegos, sendo ela a figura mais próxima de esperança que encontramos. É igualmente a força por detrás dos momentos de união que se vê com os pacientes do hospital psiquiátrico, particularmente no episódio de incêndio. Como foi mencionado anteriormente, a mulher do médico assume a posição enquanto mediadora entre o autor e o mundo dos cegos, cuja atitude e pontos de vistas coincidem com os de Saramago. Os seus olhos serão também os mesmos do narrador, pois tudo o que poderá ver e entender será graças a esta personagem.

Adicionalmente, a mulher do médico protagoniza grandes momentos decisivos na história: mata o líder do grupo que terroriza o hospital com a sua capacidade visual, e tem o papel principal na resistência.

“A mão levantou lentamente a tesoura, as lâminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais. Nesse momento, o último, o cego pareceu dar por uma presença, mas o orgasmo retirara-o do mundo das sensações comuns, privara-o de reflexos, Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais.” (SARAMAGO, 2008, p.185)

Desta forma, a mulher do médico obteve com sucesso uma libertação subsequente. Porém, esta pequena vitória interna não significa uma vitória contra os terroristas, mas sim um limpar de cicatrizes, um lamber de ferida que sangra.

Comparando as protagonistas femininas no universo Saramaguiano, a mulher do médico com a capacidade visual, entre os cegos, assemelha-se à fluoroscopia de Blimunda. É uma fantástica existência surreal. Depois do tudo e todos regressarem da operação, a mulher do médico exclama “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, cegos que veem, cegos que, vendo, não veem.” (SARAMAGO,2008, p.310)

Assim, observa-se que em *Ensaio sobre a Cegueira* a ordem social é retomada, apesar de o manicómio ter sido destruído por um fogo, e a terrível doença da cegueira branca ter desaparecido sem causa aparente. No entanto, o invisível hospital mental ainda existe. O problema está ainda por resolver; a maioria das pessoas são ainda cegas que veem, mas veem. A cegueira converte-se numa norma. O que é terrível é a prisão mental e física em que vivemos, essa construída por nós próprios.

Acerca sobre o protagonismo da mulher, a decisão de conceder uma perspectiva inteligente a uma mulher neste contexto é de grande significado. É baseada no respeito, compreensão, apoio e cuidado mútuo, e tais características são mais inerentes às mulheres.

Saramago mencionou:

“As minhas personagens verdadeiramente fortes, verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas. Não é porque eu tenha decidido, é porque sai-me assim.

Não há nada de premeditado. Provavelmente isso resulta de que parte da humanidade em que eu ainda tenho esperança é a mulher. E estou à espera, já há demasiado tempo, que a mulher se decida a tomar no mundo o papel que não seja o de uma mera competidora do homem. Se é só para ocupar o lugar que o homem tem desempenhado ao longo da História, não vale a pena. O que a humanidade necessita é qualquer coisa de novo, que eu não sei definir, mas ainda tenho a convicção que pode vir da mulher.²⁸

Para os cegos, ela é a encarnação da razão e uma líder espiritual. A esperança que ela traz a toda a gente é exatamente a mesma que o autor deseja.

Nesta fictícia e real cidade, num mundo de cegos, onde as qualidades humanas e civilizacionais gradualmente definham devido a esta epidemia, os olhos da mulher do médico são como faróis no escuro, permitindo às pessoas antecipar com grande ânimo a recuperação da visão. É a esperança. Este modelo de esperança não está descrito no livro, mas encontra-se implícito no coração das pessoas, colocando as bases para que estas restaurem, no final, a sua visão normal.

Neste trabalho existem inúmeros momentos assustadores, nos quais as pessoas são obrigadas a terem coragem suficiente e nervos de aço face a tais situações. Como referido várias vezes, este método de exposição realista mostra a constante preocupação de Saramago com o mundo real e o destino da humanidade, apresentando a triste situação em que se encontra a humanidade hoje em dia. Na sua profunda degradação, a preservação da visão da mulher do médico é a mais poderosa personificação do otimismo do escritor em relação ao futuro do Homem e o mundo em que pisa. É a esperança para o retorno das qualidades que associamos à palavra ‘humanidade’.

O humanismo brilhante que a mulher do médico sente não só pelas pessoas, mas também pelos animais, é um outro elemento a salientar nesta personagem. Os leitores podem entender a ternura que a mulher nutre pelo rapazinho estrábico, mas também por outros seres, incluindo um companheiro canino.

²⁸ Saramago anuncia a cegueira da razão. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/18/ilustrada/1.html>>. Acesso em 28 mai.2021

De facto, com base no romance, nem os animais conseguem ser tão selvagens como o Homem. Nem os animais de sangue frio têm a frieza que as pessoas conseguem ter umas pelas outras.

Na segunda metade da narrativa, a mulher do médico auxiliou sete pessoas invisuais a escapar do manicómio, podendo assim voltar para o exterior da “prisão”. Depois de conduzir toda a gente para o exterior, a mulher do médico regressou para buscar comida e roupa. Encontrou a comida, mas, acidentalmente, ela perdeu-se. Não sabendo por onde ir, a mulher fica extremamente desolada e senta-se no chão, chorando. Um grupo de cães selvagens rodeou-a, aparentemente também incapazes de encontrar a comida que necessitavam. Um deles lambeu-lhe o rosto, como que a confortando. Subitamente, um mapa turístico surge diante dos olhos da mulher. O encontro com o cão, que lhe lambeu as lágrimas, foi como uma ajuda de Deus para a ajudar a encontrar a direção.

O cão das lágrimas não só guia a mulher do médico, que se encontra em desespero, como este também assume o papel de protetor da dignidade humana. O cão das lágrimas ladra furiosamente quando alguém aparece ou quando algum cego se põe no caminho. De vez em quando segue atrás, silenciosamente, como se fosse responsável por não deixar nenhuma ovelha perder-se, como se de um rebanho se tratasse. As pessoas parecem estar à espera que o Salvador as acorde. O cão abana a cauda, vigorosamente; molha-se e sacode, com as pessoas à sua volta. A chuva não é nada para os cães. O pelo do corpo é o seu casaco. A água sagrada vem diretamente do céu. A água abençoada que cai, pode transformar a pedra numa pessoa.

O papel principal que o cão das lágrimas assume é o de guia, não muito diferente do cão-guia que os verdadeiramente cegos recorrem para os acompanhar no seu dia-a-dia. O cão das lágrimas inicialmente assiste a mulher do médico nos seus momentos de desespero, mais tarde acabando por proteger o grupo de pessoas com quem ela se envolve. No momento em que pressente alguém, ele consegue detetar a sua presença com o seu ouvido afinado; daí a razão por ladrar furiosamente. Quando este grupo de cegos caminha e encontra degraus, de tempos a tempos, o cão das

lágrimas segue-os, atrás, em silêncio. Por fim, numa viagem onde cães e humanos vão partilhando a alegria e tristeza, os cães irão gradualmente guiar as pessoas a readquirir a sua dignidade.

Mas, de facto, o cão que lambe lágrimas não se limita a esta única função; a função que ele desempenha é de salvador. Quando os cegos andam, ao acaso, pela cidade paralisada, o mundo apresenta uma desolação apocalíptica. Milhões de homens e mulheres vivem numa realidade estéril, seca; um mundo cego.

Neste momento, um cego fala alto na rua:

“Proclamava-se ali o fim do mundo, a salvação penitencial, a visão do sétimo dia, o advento do anjo, a colisão cósmica, a extinção do sol, o espírito da tribo, a servia da mandrágora, o unguento do tigre, a virtude do signo, a disciplina do vento[...].”
(SARAMAGO,2008, p.284)

A verdadeira água sagrada é aquela abençoada que cai diretamente do céu, que deixa a pedra tornar-se humana, onde a chuva parece tornar-se num batismo.

Neste contexto, a mulher do médico e o marido dirigem-se até à igreja, local onde ela tenta encontrar conforto. Contudo, a igreja já se encontrava cheia de pessoas que necessitavam refúgio, pelo que a mulher do médico não conseguiu arranjar lugar. Ao fiel animal, não lhe era permitido entrar na igreja, por isso latia e raspava a porta, levando a que as pessoas desistissem do espaço aberto e se levantassem a custo do chão, e seguissem em direção ao médico.

Neste mesmo espaço, a mulher atestou uma cena bastante religiosa e filosófica: todos os olhos dos santos estão cobertos.

Os santos tinham os seus olhos cobertos porque as pessoas que, no limite do desespero tinham perdido a fé nos santos, começaram a questionar as suas crenças: estando os olhos de Deus cegos, como é que alguém podia acreditar Nele? O cão leal, que testemunhou e experienciou todos aqueles incidentes, finalmente comungou do mesmo sentimento dos humanos.

Como anteriormente mencionado, Saramago descreve o cão das lágrimas como um guia, protetor e salvador, seguindo assim com lealdade a mulher do médico. O nosso companheiro canino ignora o cheiro da carne cadavérica, porém mantém o olhar pelos que ainda estavam vivos.

A sua visão é poderosa num mundo onde ninguém vê. No final da narrativa, o médico e a mulher classificam todos os cegos como pessoas cegas que podem ver, mas, que não conseguem “ver”. É este elemento que diferencia o cão e o ser humano; verdade, o cão vê. Não tem os defeitos que assombram os humanos cegos, nem se junta em grupos com outros cães que devoram cadáveres.

Quando os cegos recuperam a visão, um por um, o animal que lambe as lágrimas está no chão com a sua boca nas patas dianteiras. Ocasionalmente, ele abre e fecha os olhos para indicar que está ainda vigilante. Como um anjo aguardando pela humanidade, ele ainda vigia e se preocupa. Na altura em que os cegos deambulavam ao acaso na cidade paralisada, o fim do mundo revelou uma cena desoladora: ruas deterioradas, lixo infestando o chão, emitindo cheiros nauseabundos; os corpos jaziam por todo o lado e o cão, sempre leal, estava demasiado ligado aos humanos. Não procurava carne putrefacta para se alimentar; contentava-se com qualquer migalha que a mulher do médico lhe desse.

Suporta a mesma dor: em frente do Deus morto, proferindo um horrível latido. A relação entre os humanos e animais é muito delicada aqui. Os mortos nas ruas são devorados pelos cães famintos. A velha senhora alimenta com comida crua o cão dócil, mesmo quando as sete pessoas estão sempre com elas, vasculhando lixo à procura de alimento.

O leitor pode facilmente entender que a relação entre o Homem e o cão é de apoio e ajuda mútua. Afinal, a mulher do médico trata o cão com cuidado e respeito; daí, o animal também dar amor aos outros. Isto é o habitual. Até mesmo na nossa vida real, não é difícil para nós encontrar reciprocidade de afeto na relação entre animais e humanos.

Ao mesmo tempo, o enorme humanitarismo da mulher do médico está refletido no respeito por ela própria.

Saramago percebe que a autoestima no mundo real gradualmente se degrada quando o ser humano opta pelo caminho dos vícios, da crueldade, do de perseguir a fama e a riqueza, entre outros que corrompem a alma. Porém, esta degradação está a ser eclipsada pela civilização, meio escondida da superfície. Esta é a razão pela qual cidades onde a civilização está exausta as personagens vivem num ambiente de intensos conflitos, e os instintos humanos começam a atuar.

Tal como o romance menciona, “(...) uma pessoa começa por ceder nas pequenas coisas e acaba por perder todo o sentido da vida.” (SARAMAGO, 2008, p.167)

Como se pode ver, a imundície, a violência, o macabrisimo e a humanidade das pessoas cegas no hospital estão todas em perigo que fez chorar pelo menos duas pessoas pela situação caótica da cegueira. Até mesmo quando o médico está na casa de banho e não encontra o papel higiénico, ele chora pela sua situação humilhante. A segunda vez, grita no pátio. Os sete protagonistas cegos que estavam dispersos no pátio, para satisfazer as necessidades fisiológicas, contestavam-se profundamente, desgostosos pela última réstia de vergonha, mas não conseguindo derramar lágrimas. A mulher do médico, que os aguardava com impaciência, chorou.

A diferença entre as duas situações de choro das personagens demonstra que a manutenção das características humanas está a tornar-se cada vez mais custosa. Contudo, a mulher do médico raciocina que as pessoas podem e devem chorar, para mostrar que ainda são donos de algo que os torna humanos; que são ainda indivíduos, não bestas que perderam a sua integridade. A mulher do médico acredita que nada justifica a fraqueza em situações de dificuldade. A chave é que nós ainda temos um coração, um coração humano que se pode envergonhar. A mulher do médico continua a encorajar as pessoas cegas a respeitarem-se e a amar-se.

A sua atitude teve um grande impacto nos companheiros: não só para tornar a habitação num lugar onde se pudesse viver, mas também prestarem apoio aos intolerantes, para compreenderem o que se passa à sua volta e a necessidade imperiosa de manter a paz e união entre eles. Além de mostrar apreço pelos outros, o respeito da mulher do médico está refletido no trabalho de proteger a dignidade desses mesmos. Assim sendo, a descrição da mulher do médico pelo autor está fortemente baseada no seu estado psicológico.

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, Saramago ameaça os seres humanos com uma tragédia sob a forma de cegueira, em vez da morte. Parece ser um castigo mais subtil, mais sensato. Sob a ameaça da cegueira, os seres humanos são controlados pela animalidade e não se vê qualquer passo dado pela dignidade dos outros. Não vale a pena a proposta do autor, não só pela excitação e exposição animalesca das pessoas, mas também para lembrar a necessidade reexaminar a sua relação com os outros e solucionar os problemas.

“Se há algo sobre o que refletir é sobre a capacidade que temos, ou que não temos de inventar um modo de relação humana onde o imperativo seja o respeito humano e o respeito ao outro.”²⁹

Por esta razão, o autor concebeu a figura da mulher do médico. As suas palavras e atos explicam que um novo relacionamento humano poder ser reconstruído, por meio do respeito pelos outros. A mulher do médico preserva a honra dos outros, o que é principalmente manifestado no seu trabalho.

Enquanto testemunhamos o cego da pistola tornar-se dirigente de um grupo que terroriza pelo uso de uma arma, a mulher do médico usa os seus próprios olhos

²⁹ José Vericat entrevista José Saramago em Ramala (Cisjordânia - BBC em 02/06/2007). Disponível em <<http://desaramago.blogspot.com/2015/12/jose-vericat-entrevista-jose-saramago.html>>. Acesso em 1 jun.2020.

para se tornar dirigente de um mundo cego. Sob nenhuma circunstância ela se tornou, indiferente com a segurança dos outros.

A sua razão e coração fê-la ajudar e respeitar os outros silenciosamente. A dedicação e altruísmo acabaram por influenciar os cegos no hospital psiquiátrico. Das raízes e subtis atividades psicológicas na novela, pode-se entender que a mulher do médico é como um oásis num deserto, afirmando dignidade e humanidade para com as pessoas com problemas. Um momento desses seria a ida da mulher e do rapazinho estrábico à casa de banho, quando o jovem acidentalmente sujou as calças. Todos sentiram um cheiro a urina no ar. A mulher do médico fingiu-se cega, mas calmamente organizou o grupo que ia à casa de banho, para proteger a dignidade do rapazinho estrábico. Outro exemplo é o do médico a tentar tirar a chave do bolso do casaco. A sua mulher nunca atua como os olhos dos outros.

Existem muitos detalhes que podem demonstrar que a mulher do médico toma com cuidado dos cegos à sua volta, que os ajuda através das suas atitudes altruístas. Ela acredita que se eles não podem viver como humanos, deveriam então, pelo menos, investir todos os esforços possíveis para não viverem como animais.

Não importa quão mau seja o ambiente, as pessoas deveriam evitar viver como bestas para perceber as suas necessidades físicas.

A atividade da mulher do médico em motivar as pessoas ao seu redor, especialmente os cegos no mesmo dormitório, tem um impacto consideravelmente positivo. Numa situação de predação do mais fraco, um pode ser fraco e chorar, mas não desavergonhado. Deve ser mantido o mais básico respeito pelas pessoas. A dignidade das crianças pode ser protegida desta forma, e a dos adultos também. Quando se perde a autoestima, quando esta é menosprezada pela força, a mulher do médico é muito cuidadosa e sincera a fim de proteger a honorabilidade dos outros, o que revela a sua humanidade, uma forte personificação de aprendizagem de avaliação do seu semelhante.

A mulher do médico aparenta representar a vontade de Deus, sendo ela a luz a indicar a direção certa para afastar os perigos à volta. Além do mais, nela o autor busca enfatizar o papel da razão. O que no mundo cego falta é a racionalidade; por isso, as pessoas perdem a visão, exceto a protagonista, que personifica a esperança de encontrar a racionalidade. A noite deu-lhe olhos negros, mas usa-os para encontrar a luz. Deparados com a escuridão à frente, o Homem ainda tem a capacidade de ver claramente e encontrar a direção da luz. Os olhos da mulher do médico são como um farol, que permite às pessoas cegas ter a esperança de recuperar a visão.

Como Saramago declarou no seu livro *Ensaio sobre a Lucidez*, a mulher do médico é como uma “espécie de heroína, uma alma grande.” (SARAMAGO, 2017, p.265)

A fim de expressar a sua raiva e ansiedade em relação à sua própria espécie, Saramago mudou drasticamente o estilo original da sua escrita. As principais questões focam-se “no que há de errado com os seres humanos” e “como as pessoas se tornaram no que são agora”. O autor expressa as suas reflexões sobre os homens, em duras palavras, e coloca a mulher do médico como sinónimo da encarnação da lógica e mentora espiritual. Afinal, a sua visão é a luz do mundo cego e a garantia para o futuro da humanidade. O seu coração representa a fé no regresso à natureza humana, a certo ponto quase extinta.

3.3 Crítica à classe dominante.

Com vista a conseguir manter a ordem pública, o governo leva a cabo a separação dos pacientes invisuais para um hospital psiquiátrico semiabandonado. Anuncia aos que se encontram infetados de cegueira que a mesma não se trata de uma doença infectuosa, e sim uma doença que não representa perigo para os que estão em redor.

No livro, a descrição da autoridade induz que as pessoas se sintam negligenciadas, superficiais, egoístas e arrogantes. Quando o médico comunica ao

governo sobre o perigo desta cegueira, a outra parte discorda e interrompe abruptamente. O médico só recebe alguma atenção, e mesmo essa, superficial, depois de decidir reportar os acontecimentos ao diretor do hospital. Porém, nesse momento já havia três casos de cegueira...

O Ministério da Saúde deliberou manter todas as pessoas que perderam visão, incluindo aquelas que tiveram em contato com os primeiros cegos, num hospital psiquiátrico abandonado. A partir deste momento, os invisuais são divididos consoante o momento em que foram afetados, onde num lado estão os cegos que foram inicialmente hospitalizados e noutros os que foram recentemente infetados por eles. Em ambos os lados do hospital psiquiátrico estão as forças armadas. Estritamente protegidos, alimentos e materiais de limpeza são fornecidos diariamente. No entanto, os regulamentos são persistentemente rígidos, formulados e repetidos todos os dias.

A descrição desta cena elucida como o grupo de pessoas detidas se sente: trata-se, na verdade, de prisioneiros indefesos, indivíduos desarmados presos pelo governo em quem confiam, tudo por causa do risco de propagação da doença do olho branco.

Autoridade (do termo latino *auctoritate*) é um sinónimo de poder. É a base de qualquer tipo de organização hierarquizada, sobretudo no sistema político. É uma espécie de poder continuado no tempo, estabilizado, podendo ser caracterizado como institucionalizado ou não, em que os subordinados prestam obediência ao indivíduo ou à instituição detentores da autoridade.³⁰

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, membros do governo não aparecem simplesmente em público. Apesar de forçados para informar os infetados sobre esta pandemia, recorreram constantemente a um altifalante. A atitude do governo manteve-se sempre a mesma.

Os políticos publicam, então, 15 regras para a população cumprir os

³⁰ FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986, p.204.

regulamentos, pelo que as pessoas espontaneamente organizam um pequeno grupo de ajuda mútua.

No início do romance, o governo afirma repetidamente que é do interesse público impor quarentena e o indivíduo cumprir as suas responsabilidades. Comanda o exército cuidar dos doentes que, para além de fornecer alimentação básica todos os dias, nada mais faz. Deixa-os entregues à sua sorte. Parece que o facto de ter a doença elimina os elementares direitos do paciente, como pessoa e cidadão. Embora tenha destruído o acordo social que lhe é esperado salvaguardar e priorizar, o governo continua a desejar que os cegos considerem primordial o interesse de grupo, o autossacrifício e a normalidade do mundo exterior.

A cegueira espalha-se rapidamente pela cidade. As pessoas, desesperadas, aguardam uma solução do governo, mas este limita-se a colocar os cegos e casos suspeitos no hospital de psiquiatria. Esta resolução foi tomada pelo Ministro de saúde, que considera um hospital psiquiátrico abandonado isento de risco. Torna-se evidente que é com as questões financeiras que o governo se preocupa.

Os cegos dão entrada no hospital psiquiátrico sob a promessa do governo de que tinham assegurado um fornecimento de alimentação suficiente, embora essas palavras tenham sido desmascaradas logo após dos cegos serem registados à entrada do hospital. Percebem que só conseguem obter uma pequena quantidade da comida e, gradualmente, nem conseguem satisfazer os requisitos básicos diários. Devido à escassez de alimentos, um grupo de bandidos, também invisual, aproveita esta oportunidade para ameaçar outros a usarem o corpo ou dinheiro em troca da comida, causando assim grande distúrbio físico e psicológico.

No romance, Saramago não menciona as medidas que o governo toma quando ocorre uma crise social. Torna-se claro que os políticos também acabam por não resolver os problemas pelos quais a população aguarda.

Em teoria, num Estado Democrático, a soberania pertence ao povo. Na sua essência, todo o poder do país e do governo vem do povo e a ele pertence. No entanto,

esse não é o caso neste sóbrio romance, pois a atitude do governo e forças armadas são prejudiciais aos interesses do povo, nomeadamente na preservação da sua saúde e segurança. Os direitos garantidos pelo governo ao exército diferem dos direitos dos civis, e causaram desastres mais horrendos do que as doenças dos olhos brancos.

“O sargento ainda disse, Isto o melhor era deixá-los morrer á fome, morrendo o bicho acabava-se a peçonha.” (SARAMAGO, 2008, p.89)

Aos olhos do sargento, a missão do Estado é deixar esta população inútil definhar por eles mesmos. Ele utilizava a expressão ‘bicho’ para os que eram as personagens inúteis devido à infeção causada pela cegueira, pois o sargento já não os considera como humanos.

Esse fim parece estar próximo. Os cegos não se podem salvar, quase não podem comer. "Veem" rostos hipócritas e egoístas escondidos em cada burocrata, que contribuíram, consciente ou inconscientemente, para esta situação. Esquecendo os seus deveres morais e comprometimento para com a sociedade, usam o seu poder para manipular a vida e morte. Como responsáveis, deveriam ter observado a miséria e angústia do povo, privados dos seus direitos. Estes burocratas não são exceção dos cegos descritos por Saramago, os que já eram “cegos” antes da chegada da doença do olho branco.

O filósofo John Locke, um dos maiores representantes do Iluminismo, acredita no Estado de Natureza, onde todos e cada um tem o direito de punir. Todos são supervisores da moralidade social e do comportamento legal.³¹

Com o desenvolvimento posterior da sociedade, quando a contradição se aprofunda e se torna irreconciliável, as pessoas estabelecem uma nova forma de organização social através de contratos sociais - o Estado. O poder de punição da

³¹ *Locke e a propriedade como direito fundamental*. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/51151/locke-e-a-propriedade-como-direito-fundamental>>. Acesso em 3 jan .2022.

sociedade é transferido para os representantes da classe dominante pelo povo, de forma ativa ou passiva, e tal poder é exercido pelo Estado. Conforme o especificado pela lei, quem a violar de forma premeditada será punido pelo Estado.

No entanto, a penalidade que exerce o Estado não é estática. Na sua obra representativa *Vigiar e Punir*, Michel Foucault estudou as três formas de direito de castigo que coexistiam no final do século XVIII, salientando o funcionamento dos direitos, a formação e funcionamento da racionalidade do castigo.

“Não acredito que possa haver uma sociedade sem relações de poder, se as compreendermos como os meios pelos quais indivíduos tentam guiar, determinar o comportamento de outros. O problema não é tentar dissolvê-las na Utopia de uma comunicação perfeitamente transparente, mas dar ao próprio eu as regras da lei, as técnicas de controle, e também a ética, o ethos, a prática de si, o que permitiria esses jogos de poder serem jogados com o mínimo de dominação.”³²

Segundo este, a prática de estratégias de direitos não se coaduna com a evolução, nem com o senso de moralidade que as pessoas geralmente aceitam. A transferência de direitos através de gerações é a consequência de um conjunto de complexos aspetos políticos, económicos, sociais e psicológicos. A classe dominante ajusta constantemente as suas estratégias, a fim de solidificar e assegurar a sua posição, em detrimento da mais baixa.

Contextualizando de novo no romance, no início o governo toma medidas para isolar os cegos. O hospital psiquiátrico é essencialmente uma prisão. Ocorrem cenas de depreciação moral entre cegos e infetados. Saramago, perante o acima exposto, critica a natureza perversa da classe burocrática, expõe o outro lado do governo, que foge à sua responsabilidade perante tais situações.

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, a questão do fornecimento de comida deixou

³² FOUCAULT, Michel. Por uma genealogia do poder. Apud: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981, p.12.

muito clara a relação entre governo e população. Se o Estado não suspendesse este apoio tão básico aos necessitados que estavam sob a sua supervisão, esta situação seria evitável. Além disto, o problema da alimentação também foi um rastilho para os bandidos que acabaram por usurpar o controlo. Quando o governo se abstém dos cargos de moralidade, abstém-se igualmente da responsabilidade social.

Cada vez mais aumenta o número de cegos registados no hospital psiquiátrico. No fim, grupos entraram e dispararam. O disparo significa a opressão e a violação da racionalidade instrumental. As regras constituídas por eles protegiam os seus direitos. O dinheiro é trocado por algo de valor semelhante, por comida. Se os restantes cegos esconderem os seus bens, pagarão um elevado custo.

Algumas pessoas tiveram esperança de que as autoridades fossem impor a justiça, mas o exército ignorou a situação dos cegos, pois a ordem que receberam foi:

“[...] que problema dos cegos só poderia ser resolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplanções falsamente humanitárias[...]A raiva de um cão morto[...]de modo ilustrativo, está curada por natureza.” (SARAMAGO, 2008, p.105)

E assim sendo, há cada vez menos comida e as regras cada vez mais rígidas. Havendo menos meios de alimentação, o líder deste grupo exige que enviem as mulheres como moeda de troca pela comida.

É implacável, frio e consciente o tom crítico no atraso e a incompetência da burocracia, além de expressar que esta está sob a liderança do governo que, hipocritamente, diz preocupar-se com o futuro da Humanidade.

No final do romance, todos ganham um nome comum - cegueira. Esta relação com a sociedade, a cidade e o mundo, é sem dúvida quebrada. A fragilidade da civilização urbana é exposta sob a cegueira.

À primeira vista, isto revela a ignorância e impotência das autoridades - a sua incapacidade de tratar e prevenir doenças, de satisfazer as expectativas dos feridos

para com a sua proteção - mas, a um nível mais profundo, levanta dúvidas sobre o significado da existência desta forma de organização humana, bem como profundas dúvidas sobre a justiça da atual estrutura governativa.

3.4 Crítica à religião.

Saramago considera-se ateu, como muitos escritores do século XX. O próprio uma vez mencionou: “Sou um ateu com uma atitude religiosa e vivo muito em paz.” (AGUILERA, 2010, p.36). É evidente a sua tendência a expor os lados menos positivos da religião, pelo que este aponta e incide nas ilusões religiosas, hipocrisia, engano e inutilidade. Apela a que se cortem amarras religiosas, que se respeite a vida e a dignidade do Homem na sua essência. Em *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, deixa por escrito ideias cuja intenção é resistir a Deus, essencialmente antirreligiosas.

Desde os seus primórdios, a religião tem estado profundamente enraizada na literatura ocidental. Por este mesmo motivo, elementos religiosos podem frequentemente ser encontrados nas obras dos escritores mais renomeados do mundo ocidental. Alguns deles adotam diretamente materiais religiosos, outros refletem os acontecimentos históricos da religião. Quanto às citações das escrituras, existem inúmeras outras.

Os mais ilustres são muito provavelmente a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, *Jerusalém Libertada* de Torquato Tasso, *Paradise Lost* de John Milton, *The Pilgrim's Progress* de John Bunyan, *Fausto* de Goethe, *Caim* de Lord Byron, *Saint Joan* de Bernard Shaw, entre muitos outros.

Quanto a José Saramago, apesar de se considerar ateu, ele preocupou-se sempre com as diversas questões religiosas que perseguem a sociedade de hoje em dia e de atrás, já que estas despoletam questões sobre os direitos do Homem.

Em *Caim*, Saramago descreve, em tons filosóficos, um Deus egoísta e cruel. Também menciona no aparecimento contínuo de episódios do Holocausto que acaba por ser uma sátira a este trágico período, assim como aos totalitarismos em geral.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, também está presente o teor crítico à religião por parte do autor, na passagem em que a mulher do médico se dirige ao armazém do supermercado para procurar comida. Lá, depara-se com uma cena que a deixa nervosa, deparada com inúmeros cegos que morreram quando encontraram o depósito lotado. A mulher fica apavorada e desata a correr para sair deste sítio repleto de cadáveres. Para acalmar a si própria, a mulher entrou numa igreja e ela de repente vê:

“[...]aquele homem pregado na cruz com uma venda branca a tapar-lhe os olhos, e ao lado uma mulher com o coração trespassado por sete espadas e os olhos também tapados por uma venda branca, e não eram só este homem e esta mulher que assim estavam, todas as imagens da igreja tinham os olhos vendados, as esculturas com um pano branco atado ao redor da cabeça, as pinturas com uma grossa pincelada de tinta branca, e estava além uma mulher a ensinar a filha a ler, e as duas tinham os olhos tapados, e um homem com um livro aberto onde se sentava um menino pequeno, e os dois tinham os olhos tapados, e um velho de barbas compridas, com três chaves na mão, e tinha os olhos tapados, e outro homem com o corpo cravejado de flechas, e tinha os olhos tapados, e uma mulher com uma lanterna acesa, e tinha os olhos tapados, e um homem com feridas nas mãos e nos pés e no peito, e tinha os olhos tapados, e outro homem com um leão, e os dois tinham os olhos tapados, e outro homem com um cordeiro, e os dois tinham os olhos tapados, e outro homem com uma guia, e os dois tinham os olhos tapados, e outro homem com uma lança dominando um homem caído, chavelhudo e com pés de bode, e os dois tinham os olhos tapados, e outro homem com uma balança, e tinha os olhos tapados, e um velho calvo segurando um fio branco, e tinha os olhos tapados, e outro velho apoiado a uma espada desembainhada, e tinha os olhos tapados, e uma mulher com uma pomba, e as duas tinham os olhos tapados, e um homem com dois corvos, e os três tinham os olhos tapados, só havia uma mulher que não tinha os olhos tapados porque já os levava arrancados numa bandeja de prata.” (SARAMAGO, 2008, p.301)

Todas as estátuas da igreja estão cobertas com panos brancos, implicando a inexistência e impotência da religião neste desastre que varre a humanidade. É possível que Saramago queira também expressar a ilusão, a inutilidade e o engano da religião. Num cenário destes, abdica-se da fé por divindades. As pessoas estão presas na dor da cegueira, lutando em desespero. Onde está Deus no meio disto tudo? Abandonou os seus crentes? Será castigo?

Estátuas são estátuas e nada mais. São materiais imóveis, em silêncio, expostos

na igreja a iludir algo maior do que são. No passado, as pessoas purificavam as suas almas na igreja para obter a liberação, erguer a alma e entrar no céu, mas quando estas necessitam indispensavelmente de ajuda, onde está a identidade (Deus) em que acreditam?

Pode-se constatar que a razão humana é extremamente frágil, e esta desmorona-se tão facilmente como um edifício da civilização. Por isso, na verdade, a luz, o sagrado, o belo, a fraternidade, a abnegação, o progresso, a sabedoria, a liberdade e muitas outras palavras sublimes, como Deus, não emergem no momento em que os humanos as querem convocar. Então, qual será o significado de Deus? Onde estão os seus olhos? Onde está a verdade da sua doutrina?

Através da estranha cegueira dos olhos, o autor chega a esta conclusão: “o que veio aqui para declarar finalmente que Deus não merece ver” (SARAMAGO, 2008, p.302). Obviamente, as palavras ditas pela esposa do médico acordaram os cegos sobre Deus na igreja. No momento em que estes percebem que as figuras nas pinturas de ícones a quem prestavam culto estavam vendadas para não verem os humanos, os cegos perderam a cabeça. Uma situação que personifica a quase total derrota da humanidade.

“[...] a ideia de que as sagras imagens estavam cegas, de que os seus misericordiosos ou sofrendores olhares não contemplavam mais que a sua própria cegueira, tornou-se subitamente insuportável, foi o mesmo que terem vindo dizer-lhes que estavam rodeados de mortos-vivos, bastou ter-se ouvido um grito, e depois outro, e outro, logo o medo fez levantar toda a gente, o pânico empurrou-os para a porta[...]” (SARAMAGO, 2008, p.303)

Saramago invoca a natureza negativa do entorpecimento religioso com extraordinária imaginação, ironia ousada, direta e pungente, mostrando às pessoas a sinceridade e a realidade do mundo que ele quer transmitir. Pretende encarar os corações delas através das suas próprias mãos, inteligência, sabedoria e racionalidade, recorrendo à união e amizade entre os seres humanos. Só por este meio é que será

possível criar uma vida real, firme e sólida.

Saramago foi, persistentemente, um crítico irritado, acérrimo e atento ao poder político e eclesiástico presente em Portugal. Soube utilizar as palavras para expor os seus lados negros, arrancar a máscara que por detrás se escondem e desafiar os conceitos religiosos ortodoxos e ditatoriais.

Capítulo 4 - Preocupação do autor transmitido no romance

O *Ensaio sobre a Cegueira* consiste numa microfilmagem do mundo contemporâneo do escritor, segundo as suas próprias palavras. O caminho humano é muito complexo. Numa questão de milhares de anos, os humanos souberam criar coisas maravilhosas, explorar conceitos tão intrincados como a religião e filosofia, mas atualmente encontramos-nos numa situação difícil. Porquê? A chave está na reconstrução do relacionamento interpessoal. Na relação de humano para humano, é fundamental a preservação da dignidade e identidade.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

Quando o ser humano é cego aos seus defeitos nem percebe que existe luz à sua frente, é porque ele não possui visão; caso contrário, quando o Homem descobre a sua cara verdadeira, sente vergonha e a escuridão emerge à sua frente. Assim é a pessoa que realmente existe. Por isso, Saramago adicionou no prefácio de *Ensaio sobre a Cegueira* a frase “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

José Saramago é um escritor com um forte sentido de missão histórica e responsabilidade social. Investe toda a sua fértil imaginação nos seus romances. O seu humanismo com fortemente ideológico aparece sob a descrição absurda de uma anormalidade real, que acaba por deixar implícita a sua inclinação política e pontos de vista sobre a humanidade. Preocupado com a humanidade no seu todo, Saramago toma, porém, especial atenção a Portugal. Os seus temas estão sempre ligados à realidade de Portugal.

O mundo real é mais real do que a palavra ‘mundo’; os humanos devem ter consciência do significado positivo da palavra para o mundo real. Para as pessoas que leem as palavras, se os humanos não conseguirem libertar-se da cegueira e refletir-se, então eles é que são cegos.

A literatura não pode ser empregue como um meio garantido para mudar o contexto social que vivemos; porém, esse mesmo contexto afeta a literatura. Os autores não têm a capacidade de salvar o mundo; não são de todo super-heróis, mas a normalidade do seu ser não impede que a literatura se torne o seu superpoder, ou que não influencie os leitores. A exploração do destino humano não é uma responsabilidade exclusiva dos filósofos, pois é também dos romancistas.

Saramago corporizou a preocupação do escritor profissional com o destino da humanidade através da literatura e da arte, com o intuito de apresentar os seus pensamentos e opiniões. A sua ansiedade e suspeita estão incorporadas no romance, abrangendo a crítica e reflexão sobre política, tortura e cuidados humanos, bem como as dúvidas sobre a civilização.

4.1 Política

José Saramago foi um membro ativo do Partido Comunista Português; sendo assim, a principal razão para a presença da sua inclinação política na sua obra literária.

O autor usa a escrita para difundir a sua opinião política e social. É esta posição que o impele a não poupar esforços para criticar a classe dominante, uma característica bastante perceptível em obras como *A Jangada de Pedra*, *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, entre outras. No seu trabalho criativo, a sua consciência subjetiva já mostrava ter o desejo de erguer a voz pelos pobres. A partir daí, ele avança inevitavelmente para o campo da política, que é o setor com mais falhas.

Saramago, na sua opinião, acredita que as pessoas frequentemente olham sem ver, que não se tem apenas de olhar, mas de pensar e observar, para ver através dos factos que são obscurecidos pelo nevoeiro do discurso. Ele próprio esforça-se sempre por revelar a verdade perturbadora com uma faca afiada, deitando fora todas as armadilhas da ilusão, revelando nua e crua o seu amor e ódio.

Uma vez que o escritor pretende olhar para a realidade, os seus romances mergulham no território da política inúmeras vezes. No entanto, talvez não haja

vergonha para um escritor literário discutir política. Saramago era um homem de convicções esquerdistas, pelo que é inconcebível que pudesse ter-se isolado de qualquer envolvimento social ou político.

Durante a ditadura fascista que precedeu a Revolução dos Cravos no dia 25 de Abril de 1974, ditadura essa que acompanhou a juventude de Saramago, o marxismo era a representação da filosofia dos rebeldes, dos que renegavam o Estado sob aquela forma. Por esse motivo, era natural que o jovem Saramago abraçasse a ideologia marxista e que acabasse por influenciá-lo para o resto da sua vida. Os autores literários não precisam de evitar falar das suas convicções políticas em nome da "literatura pura". "Quando o mundo precisa de um ponto de vista crítico, a literatura não deve ser independente do mundo".

Na sua vida, Saramago disse que intencionava escrever na sua lápide “Aqui jaz, indignado, fulano de tal.”³³ De facto, a indignação é algo que podemos associar à pessoa em questão e ao seu tom literário. Expressou a sua ira contra tudo: ditadores históricos portugueses, a Igreja Católica, o ex-presidente dos EUA George Bush, Israel, fundamentalistas islâmicos, chauvinistas masculinos que perpetraram violência contra as mulheres, e assim por diante. Como disse o ex-presidente espanhol José Luis Rodríguez Zapatero, o escritor sempre se ousou a falar em nome dos desprivilegiados.

A sua retórica é implacável, ao ponto de ter chamado clérigos católicos de “parasitas da sociedade civilizada”, George Bush “o sumo sacerdote do mundo enganador”, e denunciando de vez em quando o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi “aquela coisa de Berlusconi”, afirmando mesmo que esta “doença” e “vírus” destruiria a terra que produziu Verdi. Não escondeu o seu desdém por George Bush, pelo que também satirizou a razão pela qual “os grandes Estados Unidos tinham eleito este presidente extremamente pequeno”.

Além disso, Saramago demonstrou a sua posição ante eurocentrismo, opondo-se à adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia. Depois de muitos

³³ *Summer Reading*. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/quotes/658155-quando-eu-morrer-se-pussem-uma-l-pide-no-lugar-onde>>. Acesso em 12 maio. 2021.

anos custosos por parte de Portugal, em 1986 a Comunidade Económica Europeia aceitou a integração de Portugal e Espanha, acabando por adicionar esta península à sua esfera de influência. Enquanto que as pessoas inclinadas ao eurocentrismo aplaudiam a aliança para promover o desenvolvimento e cooperação do país em contexto europeu, Saramago insistiu no nacionalismo, o que acabou por ser absolutamente absurdas para a sociedade contemporânea.

Em várias crónicas de *Os Apontamentos*, o escritor expõe a sua atitude relativamente à entrada de Portugal na economia europeia, argumentando que os países mais pobres no âmbito da política económica europeia não poderiam ser comparados às grandes potências que a compunham, tais como a Inglaterra, França, Alemanha e Itália.

Expressou a sua fé de ver Portugal livre do eurocentrismo, de forma metafórica, e manter o estatuto político da subjetividade nacional portuguesa. No romance *A Jangada de Pedra*, o escritor separou descomunamente a Península Ibérica do continente europeu, refletindo a afirmação absurda de que o mundo parece estar a construir uma aldeia global quando, na verdade, o que perdeu foi a sua identidade nacional.

Saramago enfatizou ainda na entrevista de Carlos Reis que a Península Ibérica deve salvaguardar o que lhe torna especial; sem Portugal, a Europa seria incompleta. No seu ponto de vista, acredita que as diferentes culturas europeias devem ser iguais e interdependentes e não se dividindo em afiliações específicas.³⁴

Para Saramago, todos os países da Europa possuem as suas características, pelo que o pensamento europeu não pode existir independentemente dos países que constituem o continente. Noutras palavras, a Europa na ideia de país comum teria apenas um património comum, mas esse também é um país que faz parte do continente europeu de cada componente. Através do seu romance *A Jangada de Pedra*, Saramago descreveu a nacionalidade e a singularidade de Portugal na Europa, enfatizando Portugal enquanto parte indispensável da Europa. Até certo ponto, Portugal é ímpar.

³⁴ REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

Se não existisse, a Europa seria um corpo incompleto, pois perder-se-iam algumas tradições e elementos únicos. Segundo a tendência social global, o princípio do património cultural nacional deve ser respeitado.

Na entrevista ao *The Paris Review*, o escritor declarou que sua preocupação não se limita somente na divisão da Península Ibérica; esta é apenas uma parte dela, e que as raízes de Portugal e Espanha não se encontram unicamente na Europa. No ponto de vista Saramaguiano, quer Portugal quer Espanha sempre foram Europa, no presente ou no futuro. Os ibéricos têm uma enorme relevância dentro de conceitos históricos, culturais e linguísticos. Realça também a diversidade presente nos portugueses de hoje: alguns são da Europa Central, alguns são de Roma e alguns são da África. Isto não é de todo uma apologia do neocolonialismo, mas sim o pensamento de Saramago quanto à influência da Península Ibérica sob uma pletora de aspetos, incluindo a das suas colónias, o que não se deve ignorar.

4.2 A queda e o renascimento do Humanitarismo.

“O desvelamento da alegoria (aquele feito por ela e pelo próprio desvelamento dela) implica entender a resposta que ela arma no jogo de tensões entre as classes sociais, entre as contradições de grupo, camadas, ideologias etc. A alegoria é o palco petrificado de uma luta, de uma discórdia que busca não se mostrar nem como discórdia nem como luta. Mas só quando se consegue apreender a tensão das forças do paralelogramo que acabaram redundando em tal petrificação é que se passa a entendê-la como sinédoque do real”³⁵

Saramago escreveu sobre os problemas de Portugal e de vários países, sem esquecer a História deles. Como ele comparativamente afirma no livro, “os animais são como as pessoas, acabam por habituar-se a tudo.” (SARAMAGO, 2008, p.237)

As fábulas de cegueira e recuperação deixaram uma questão aos leitores: no longo processo de desenvolvimento humano, quando é que a humanidade começou a

³⁵ KOTHE, Flávio René. *A Alegoria*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986, p.39.

perder consciência? Estando a ser explorados pelas religiões, filosofias, sociedades, instituições, tradições e política, o homem tornou-se uma besta, não sendo capaz de racionalizar e ordenar o mundo como um todo, indo apenas com o fluxo e escondendo a humanidade na escuridão. É necessário que as pessoas reflitam sobre o estado em que se encontram. Voltando ao ponto de vista de Saramago, o autor fala das pretensões e deformidades da natureza humana, das contradições e da unidade. Na sua obra, como mencionado anteriormente, o escritor focaliza muito na dualidade entre a treva e a luz: por exemplo, quando o ladrão de carros ajuda o primeiro cego a regressar a casa, este último desconfia da sua atitude, tentando ter a certeza de que "este bom homem" quer realmente o ajudar, mas no final o bom homem é um ladrão; mais ironicamente, este ladrão sente-se inquieto e arrependido depois de ter roubado o carro. Por isso, se o primeiro cego tivesse dado ao ladrão de carros toda a confiança e simpatia no início, será que o ladrão de carros se teria transformado num ladrão de carros no impulso do momento?

Primeiramente, é necessário refletir sobre o mundo do ser humano e o estado onde se encontra. O escritor fala do disfarce e disformidade da natureza humana, contraditórios e unificados. As suas obras, como foi observado, concentram-se bastante na dualidade do desespero e esperança. Sente-se a raiva com a generalidade da cegueira: quando o assaltante do carro ajudou o primeiro cego a voltar a casa, este desconfiou a sua atitude, procurando certificar-se de que este bom samaritano queria mesmo ajudá-lo. Este homem gentil é um verdadeiro ladrão; a ironia é que ele se sentiu inquieto depois de roubar o carro. Será que o primeiro cego que lhe depositou total confiança, após ter obtido ajuda, evitará futuros crimes por parte do ladrão do carro?

Importa ainda mencionar numa característica, quando o Ministro da Saúde apoia a ideia de que o isolamento obrigatório é um método antigo com longa história:

“ [...]quando os barcos contaminados ou só suspeitos de infeção tinham de permanecer ao largo durante quarenta dias. Estas mesmas palavras, até ver,

intencionais pelo ministro, que mais tarde precisou o seu pensamento.” (SARAMAGO, 2008, p.45)

Esses cegos são simplesmente abandonados. O seu lugar de isolamento será igualmente o lugar onde definham gradualmente. No hospital psiquiátrico, a vida dos cegos é escura e qualquer sofrimento que ocorre dentro dele é excluído do mundo exterior; alguns mortos inclusive são, de imediato, enterrados no local. Também anteriormente mencionado, a poluição agrava-se e há excrementos por todo o lado. Nesse momento, a chamada natureza humana, a aparente ausência de dignidade e a animalidade são completamente levadas à superfície. O relato trágico e o enredo tão triste não representam nem a apatia nem o pessimismo de Saramago para com a humanidade.

E é nesse sentido que *Ensaio sobre a Cegueira* mostra “a condição humana – com suas fragilidades, com as suas duplicidades, com os seus egoísmos e com as suas crueldades.” (REIS, 2006, p. 308)

Além de atento e crítico à realidade, o escritor constrói a vida da mulher do médico, desde o momento em que vai com o marido para o hospital psiquiátrico até à libertação do isolamento draconiano imposto pelo governo, que depois conduz o leitor à recuperação da cidade. Reforça-se de novo as qualidades desta personagem, tais como o respeito que ela nutre pelo os outros e a proteção que ela procura manter em qualquer sítio que vá. A mulher do médico simboliza consistentemente o “farol da razão”. Nela, a amizade ilumina a natureza humana, esforçando-se para substituir a dor do hospital psiquiátrico pela afabilidade. A própria cegueira também é uma forma de curar a cegueira da mente e acordar o conhecimento racional.

A recuperação da visão dos cegos é uma forma de Saramago colocar o debate sobre as questões morais após toda esta experiência. Como é que é a cidade ficou quando a cegueira desapareceu? Será uma metáfora para lixo?

Com a grande escritura, ele deve amar a arte e a humanidade, mas primeiro ele tem de amar o humano. Saramago manifesta o seu amor nos humanos e pratica-o. Esse

entusiasmo reflete-se no seu cuidado com o Homem, como em *Memorial do Convento*. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, em todo o processo onde lidam com aquela praga a cegueira nunca morre.

4.3 Questionar a existência da civilização.

A cidade moderna é metaforizada como um hospital psiquiátrico fechado; os cegos que vivem no hospital é a transformação do humano real, onde a lei e as normas ortodoxas que conhecemos foi destruída deliberadamente. É a queda da civilização, que o individuo perde a consciência.

Assim que perdem as características físicas de uma pessoa normal e se tornam numa pessoa invisual, os cegos desenvolvem gradualmente as suas mutações psicológicas - transformam-se num animal, atacados por uma deficiência física e mental.

Neste contexto, são subtis as mudanças da natureza humana. Ao longo do tempo, estas mutações tornam o conteúdo do texto mais autêntico e o enredo que provém da imaginação do autor mais plausível, no espaço da estrutura. A fronteira enevoada entre ilusão e realidade pode facilmente trazer comiserção e reflexão dos leitores sobre as várias desvantagens no espaço da ilusão. A luta pela sobrevivência como bestas transformou este hospital psiquiátrico isolado num purgatório.

No desfecho do romance, a doença dos olhos brancos desaparece. Neste regresso à normalidade, as pessoas são, inevitavelmente, obrigadas a refletir sobre o que fizeram.

Ensaio sobre a Cegueira é uma das obras mais tematicamente pesadas e trágicas que Saramago já escreveu. Embora seja mais um pesadelo kafkiano, a obra começa de um ponto de vista hipotético e converte-se numa realidade lógica. A narrativa é estruturada de forma progressiva, e a veracidade dos detalhes confundem a fronteira entre a ficção e a realidade, pelo que o próprio romance tem profundas conotações e metáforas ubíquas.

A religião e a política, a hierarquia social e o papel das suas respectivas classes, a violência e a fé, a sobrevivência e a morte, a submersão, a salvação e a destruição, entre outras proposições sociais modernas, estão todas presentes no romance. Não obstante, o que Saramago foca na obra é a natureza humana. A preocupação sobre ela é levantada desde a natureza humana específica até à preocupação e reflexão sobre a existência global e a civilização moderna.

Podemos considerar *Ensaio sobre a Cegueira* como uma alegoria contemporânea, abastecida de um forte significado simbólico e profundo.

A conclusão do romance desencadeou a esperança do escritor na humanidade, pois todos têm a capacidade de recuperar e tudo voltará ao normal. No entanto, no sentido real, a cegueira ainda permanece, propagando-se nos corações das pessoas. Após terem passado as provas físicas e psicológicas, os Homens não refletiram e, muito menos, estabeleceram uma regra racional.

Saramago não só deixou romances alegóricos como também pensamentos duros; é por isso que estes têm esta peculiaridade, seja no pensamento, na criatividade ou atividade social. O escritor recorre às suas obras para persuadir o público, corporizar os seus pensamentos sobre a civilização humana, a profunda preocupação do futuro e desejo de transmitir aos leitores a importância do pensamento independente, assim como da luta contra o pessimismo e opressão.

O seu romance não tem hora, local, individualidade. As histórias podem acontecer com qualquer pessoa e em qualquer momento onde se infiltram o pânico e o medo. Além de seriedade e apatia, Saramago também retrata uma forte alegoria social; a crítica profunda da racionalidade moral e o carinho e agrado para com os seres humanos, que manifestaram a sua natureza autêntica em situações extremas.

Dono de um vigoroso sentimento de participação social nas suas obras, tudo fez para defender a justiça. Além do seu trabalho possuir um grande valor académico, as questões que levanta são igualmente de infinita discussão e ponderação.

A escrita revoltosa de Saramago não é somente um reflexo dos seus

pensamentos subjetivos internos sobre todas as trevas; também é um exemplo clássico de autossalvação do Homem moderno. O espaço ruinoso que foi descrito pelo escritor é um retrato exagerado da divisão da sociedade moderna, por via das alterações do destino das personagens, acompanhado por uma oposição face aos falsos valores tradicionais. Em suma, é uma crítica ao Individualismo, declínio do sistema de valores morais tradicional, e um conjunto de dúvidas sobre os ideais e crenças das pessoas.

Saramago personifica a grandeza do seu trabalho por meio de descrições pormenorizadas dos cegos que escapam do hospital psiquiátrico. Estão encarcerados há demasiado tempo e os seus nervos estimulados por morte atrás de morte. Estão entorpecidos e à beira do total colapso.

O papel da moralidade humana, lei e mecanismo, constituem a integridade e o ciclo da ordem social. A razão para o desmoronamento repentino da civilização é a cegueira superficial, e a questão central é a crise do contrato social provocado pela cegueira. O exercício da lei, da ordem da sociedade e a proteção dos direitos humanos deve ser obrigatoriamente garantido por sistemas e convenções ordenados.

A consequência da cegueira coletiva é a de que ninguém consiga manter a ordem. A queda final e o desequilíbrio que se produzirão são visíveis apenas aos olhos da esposa do médico, pelo que dessa forma não poderão constituir uma sociedade civilizada.

Além disso, o autor apontou no livro:

“Estão mortos, não podem fazer nada, disse alguém, a intenção era tranquilizar-se a si mesmo e aos outros, mas foi pior havê-lo dito, era verdade que os cegos estavam mortos, que não podiam mover-se, reparam, não mexem nem respiram, mas quem nos diz a nós que esta cegueira branca não será precisamente um mal do espírito, e se o é, ponhamos por hipótese, nunca os espíritos daqueles cegos estiveram tão soltos como agora estão, fora dos corpos, e portanto mais livres de fazerem o que quiserem. sobretudo o mal, que como todo o mundo sabe, sempre foi o mais fácil de fazer.” (SARAMAGO, 2008, p.90)

Toda a sociedade vai-se convertendo num hospital psiquiátrico no sentido real, à medida que os seres humanos vão tornando em pacientes mentais, vivendo na mesma convivência louca e desordenada. São parte deste mundo, por isso estão cientes do problema da representação social incompleta.

A disformidade é o motivo de reexaminar a realidade, enquanto a beleza é a necessidade de salvaguardar a fé, seja a mulher do médico, o velho da venda preta, a rapariga dos óculos escuros, ou o cão das lágrimas.... É devido à sua crença no amor da humanidade que eles podem sobreviver à catástrofe nos últimos dias. Estes sujeitos podem não ser “resistentes” corajosos, mas são a criação do futuro. No ambiente hostil, a sua beleza não sofreu qualquer mudança qualitativa, mas tornou-se a parte tépida da apatia do enredo.

Com a assistência destas personagens, Saramago acordou a qualidade da beleza às pessoas “normais”; desenterrou estas qualidades preciosas no social moderno de um estado afastado, apontando diretamente o dever de aniquilar a ilusão de perfeição na realidade, assim como as reservas das preciosas qualidades humanas.

No desfecho, o autor despede-se com uma frase: “A cidade ainda ali estava” (SARAMAGO, 2008, 310). Esta frase assume-se como um fim e, simultaneamente, um começo. Ela anuncia o fim de toda a desgraça causada pela “doença do olho branco”, porém nela está também conotada a esperança pelo futuro. O facto de esta cidade permanecer no mesmo sítio implica que as pessoas também se mantenham aí.

Saramago aplica a alegoria da cegueira para se aprofundar na natureza humana, refletir sobre a civilização e preocupar-se com o porvir da humanidade. *Ensaio sobre a Cegueira* viaja através do tempo e do espaço, transcende nacionalidades, e olha para o passado, presente e futuro de toda a humanidade. Saramago, apesar da preocupação e crítica que relançou sobre a realidade e o futuro, exalou uma oração imortal e persistente pelo amanhã de todos nós.

Considerações finais

Ao terminar esta dissertação, sinto-me mais tranquila, tolerante, conhecedora e culturalmente mais rica. Ao ler Saramago, compreendi que a pressão e todo o controlo que governos impõem ao povo pode torná-lo perigosamente ignorante, vazio, facilitando assim a sua manipulação.

Quando alguém nasce debaixo de uma ditadura, como eu, não se apercebe de quase nada que ocorre dentro e fora do país, no meu caso a China, até que alguém lhe abra os olhos, lhe mostre a luz, o valor da liberdade e o direito a dizer “não”.

Nasce-se e morre-se "agarrado" a uma bandeira, à cegueira provocada desde a nascença, onde a vida se aceita, sem mais...

Chegar a Portugal foi poder decidir; compreender que, de onde vim, um país geograficamente maravilhoso e que amo, é povoado por pessoas que ainda hoje, sem o saberem, acreditam que há uma mãe, a nação, e um pai, um dirigente adorado que, de facto, tirou o povo de uma ditadura, de um imperador para outra, de caminho oposto, a de Mao Zedong.

Enquanto isto, as nuvens vão-se colocando no meu país, os rios vão caminhando para o seu leito e os homens para a felicidade, mesmo que não compreendam o seu significado...

Quando as pessoas estão inevitavelmente presas ao material, não podem ver a essência de tudo. Por esta razão, surge o individualismo e a liberdade passa a ser circundada pela História, ambiente e política na vida das pessoas, que se converte numa ferramenta passiva.

Saramago perseguiu e explorou ao longo da sua vida estas posturas, utilizando a literatura como arma, rompendo fronteiras e explorando as infinitas possibilidades entre liberdade e equidade.

Na criação, o estilo, as pistas e o enredo do romance estão sempre além da imaginação do leitor. Tudo é desconhecido. Na história, a narrativa pontilhada proporciona às pessoas um forte senso de realismo; ou seja, não há como intervir nela, apenas o esboço do autor, mirando o atoleiro de leis, poder, desastres, raça, crenças, guerras e lutas, e todos os tipos de injustiça.

No contexto histórico, a imaginação é posta em ação e constrói os comportamentos e pensamentos estranhos que transformam as pessoas em seres demasiado impotentes para contestar uma determinada razão estabelecida.

O triste, nas suas obras, é ilógico e absurdo, porém revelador. O seu grito mais alto é "não" ao poder, bem como aos indivíduos e grupos que se beneficiam dele, apontando o dedo à sociedade cheia de hipocrisia e preconceitos, convocando as pessoas a abrirem os olhos para a verdade.

Estranhamente, este marcante e apreciado escritor português não é de forma alguma um patriota no sentido tradicional. Ele é ateu, coisa rara entre os portugueses e sobretudo para a sua geração. Toda a sua carreira de escritor está dedicada a criticar a história da sua pátria, a escuridão social, o conservadorismo hipócrita e a religião. Ele conhece a luz, pois saiu há muito das trevas, da ignorância e da sombra do próprio Homem.

Ler as obras de Saramago não é um processo simples de fazer. É um processo que relembra um artigo político, expondo visões sociais em todos os lugares. Esta dissertação baseia-se nos registos itinerantes da cegueira de Saramago, partindo da sua vida e das características da sua obra, para estudar as causas e contribuições do seu pensamento humanitário.

Hoje, dez anos após a sua morte, mesmo que sintamos que o mundo continua tão maldoso como ele o conheceu, graças ao legado de Saramago há quem tenha conseguido recuperar a visão daquela cegueira branca, olhar em volta, e raciocinar de uma forma mais consciente e socialmente ativa.

Tal como ele indica, existe uma luz da consciência que vai guiando o Homem

do obscurantismo até à sua realização pessoal, para um Antropocentrismo verdadeiro onde o Ele não é apenas simbolicamente o centro do mundo, mas também a sua essência, o âmago da sua verdade, a força motriz de uma humanidade mais humana que busca, incessantemente, entre monstros gigantescos e destruidores, a esperança, a justiça e a felicidade.

Bibliografia

- AGUILERA, Fernando Gomes(Org). (2010). *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia de Letras.
- ALAMEDA, Sol. *José Saramago*. El País, supl.El País Semanal, n.º 1157, 29 de Novembro de 1998.
- AMARO, Alice. (2007). *Português, o essencial*. Edições ASA.
- BAREL, Ana(org.). (2010). *Os nacionalismos na literatura do século XX: os indivíduos em face das face das nações*. MinervaCoimbra.
- CASSIRER, Ernst.(1994). *Ensaio Sobre o Homem*. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. Ed: Martins Fontes, São Paulo, 1994.
- FERREIRA. A. B. H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- Filosofia francesa do século XVIII*. (1971). Comoilado pelo Departamento de de Filosofia da Universidade de Pequim, The Comercial Press.
- FOUCAULT, Michel. (1982). *Por uma genealogia do poder*. Apud: FOCAULT, Michel.*Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FEUERBACH, Ludwig Andreaseu. (1984). *Selected Philosophical Writings of Feuerbach*. The Commercial Press.
- FULING, Zhuang. (2007). *A Concise History of Marxism*. People's Publishing House.
- HEIDEGGER, Martin. (1995). *Sobre o Humanismo ou Carta sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileira.
- JIAQI, Chen. (2001). *People who are alive need regeneration*. Reading Magazine, No.10.

- KOTHE, Flávio René. (1986). *A Alegoria. Série Princípios*. São Paulo: Ática..
- PIMENTA, Hilário. (2019). *Preparação para o Exame Final Nacional 2019*. Porto: Porto Editora.
- REIS, Carlos. (1998). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho.
- REIS, Carlos. (2006). *História crítica da Literatura Portuguesa. (Do Neo-Realismo ao Post- Modernismo)*. Vol. IX. Lisboa: Verbo.
- RIBEIRO, Novalca. (2001). *O eu pequeno revisitado: experiência e memória em José*.
- SARAMAGO, José. (2008). *Ensaio sobre a Cegueira*. Porto: Porto Editora.
- SARAMAGO, José. (2017). *Ensaio sobre a lucidez*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Saramago, Murilo Mendes e Walter Benjamin*. Anaisdo SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- WOOLF, Virginia. (1982). *Novels and Novelists: A Guide to the Word of Fiction*. NovaYork: St Martins Press, 1982.

Webgrafia

Terra do Pecado. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_do_Pecado>. Acesso em 04 jan 2020.

Cronologia: A vida de José Saramago. Disponível em:<https://expresso.pt/dossies/dossiest_atualidade/dos_jose_saramago/cronologia-a-vida-de-jose-saramago=f588876>. Acesso: 18 de mar.2020.

O dia em que Saramago ganhou o Nobel. Disponível em: <<http://www.revistaestante.fnac.pt/dia-saramago-ganhou-nobel/>>. Acesso em dia 5 set. 2020.

Anti-humanismo filosófico. Disponível em:<https://pt.humanipedia.org/index.php/Anti-humanismo_filos%C3%B3fico>. Acesso em 27 jul.2020.

A Formação da Mentalidade Moderna. Disponível em: <<http://www.quifamessatarado.comunidades.net/formacao-da-mentalidade-moderna>>. Acesso em 04 jul.2021.

Os 7 tipos de humanismo e suas características. Disponível em: <<https://maestrovirtuale.com/os-7-tipos-de-humanismo-e-suas-caracteristicas/>>. Acesso em 28 mar.2020.

José Vericat entrevista José Saramago em Ramala (Cisjordânia - BBC em 02/06 /2007). Disponível em: <<http://desaramago.blogspot.com/2015/12/jose-vericat-entre-vista-jose-saramago.html>>. Acesso em 1 jun.2020.

Comentário ao romance "Ensaio sobre a Lucidez" de José Saramago. Disponível em: <<https://portefolioricardo.blogs.sapo.pt/2797.html>>. Acesso em 11 set.2020.

Revista de História e Teoria das Ideias: José Saramago: da realidade à utopia. Disponível em< <https://journals.openedition.org/cultura/2415?lang=en>>. Acesso em 24 set.2020 e acesso em 28 ago. 2020.

KAFKA, Franz. *The Metamorphosis*, p.2. Disponível em:< <https://portefolioricardo.blogs.sapo.pt/2797.html>>. Acesso em 11 maio.2021.

Saramago anuncia a cegueira da razão. Disponível em<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/18/ilustrada/1.html>>. Acesso em 28 mai.2021.

BARROSO, Donzelina. *The Art of Fiction No. 155, The Paris Review*. Disponível em: <<https://www.theparisreview.org/interviews/1032/the-art-of-fiction-no-155-jose-saramago>>

[ago](#)>. Acesso em 7 ago 2020.

GONÇALVES, Adolfo. *José Saramago e suas personagens*, *Jornal Opção*. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/jose-saramago-e-suas-personagens-102227/>>. Acesso em 7 ago. 2020.

Summer Reading. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/quotes/658155-quando-eu-morrer-se-pudessem-uma-l-pide-no-lugar-onde>>. Acesso em 12 maio. 2021.

15 frases de José Saramago sobre sua vida e sua obra. Disponível em: <<https://notaderapia.com.br/2018/05/29/palavras-de-saramago-vida-e-obra/>>. Acesso em 11 maio.2021.

Chinese Humanism: A Study of Chinese Mentality and Temperament. Disponível em <<https://taiwantoday.tw/news.php?unit=20&post=26048&unitname=Culture-Taiwan-Review&postname=Chinese-Humanism%3A-A-Study-of-Chinese-Mentality-and-Temperament>>. Acesso em 3 jul.2021.

Ludwig Feuerbach. Disponível em<<https://www.britannica.com/biography/Ludwig-F Feuerbach>>. Acesso em 23.jul. 2021.

Humanismo Evangélico. Disponível em:<<https://1library.org/article/humanismo-evangelico-a-igreja-espanha-de-fronteira.y65dgj7z>>. Acesso em 3 jan.2022.

Locke e a propriedade como direito fundamental. Disponível em:<<https://jus.com.br/artigos/51151/locke-e-a-propriedade-como-direito-fundamental>>. Acesso em 3 jan .2022.